

PROJETO DA PAISAGEM DE SÃO MIGUEL ARCANJO

I – INTRODUÇÃO

No ano de 1697 sou enviado à maior de todas as Reduções, a de São Miguel, a mesma colônia onde o nosso Pe. Antônio Böhm aprendera, três anos antes, a língua dos índios e a cultivara grandemente, arrostando sempre ingentes trabalhos. Viagem às Missões Jesuísticas e Trabalhos Apostólicos. Padre Antônio Sepp S. J.

Por solicitação da Sra. Superintendente da 12.^a Superintendência Regional do Iphan, Arquiteta Ana Lúcia Goelzer Meira, estive em São Miguel das Missões na primavera de 2003 com o objetivo de elaborar normas para projeto de paisagismo do entorno das ruínas de São Miguel das Missões. Conduzido pelos representantes do Iphan e arquitetos Maria Matilde Villegas e Wladimir Fernando Stello, pudemos efetuar trabalhos de campo dentro do sítio delimitado, nos novos terrenos que lhe serão anexados e em algumas áreas vizinhas ou mais distantes, como a reserva indígena. Foram também realizados contatos com representantes da população local, como a Presidente da Associação dos Amigos de São Miguel, professora Beatriz Kother, cuja incomum generosidade intelectual e de coração, nos forneceu ricas informações e farto material bibliográfico que certamente muito enriqueceram este trabalho.

A recente aquisição dos terrenos contíguos às ruínas irá aumentar e valorizar sensivelmente o sítio, por ampliar o espaço circundante e assegurar melhor proteção a toda a paisagem. É imprescindível que a nova área delimitada seja objeto de rigorosas restrições quanto a usos, atividades e intervenções, sobretudo construtivas. A aquisição teve, dentre outras justificativas, a garantia de se manter desimpedido o entorno. Deve-se por isto assegurar que sejam impedidas edificações que venham a gerar volumes ou obstruções aos eixos visuais, recomendando-se inclusive a demolição de algumas já existentes.

É recomendável a elaboração de um plano de manejo para toda a nova área que, dentre outras questões, defina a programação de usos e atividades que podem ser desenvolvidos e implantados no sítio de São Miguel, sem impacto negativo aos recursos históricos e à paisagem, nos terrenos adquiridos, à medida em que evoluírem os trabalhos.

Recomenda-se que seja solicitada à Gerência de Proteção do Departamento de Patrimônio Material do Iphan a redelimitação da área tombada, estendendo o tombamento a todo o novo perímetro.

Este trabalho não pretende somente apresentar uma proposta fechada para a paisagem local, mas indicar as necessidades gerais do sítio após a incorporação dos novos terrenos. É um grande risco empreender a implantação de um projeto paisagístico, sobretudo com tal porte. Qualquer paisagista sonharia em imprimir ao entorno das ruínas de São Miguel sua marca pessoal, introduzir suas plantas favoritas, criar caminhos e áreas pavimentadas, intrusões alheias à vocação do sítio que mais requer intervenções de recuperação, restituição e resgate do que de inovação. Além disto, sempre existirá o risco de impactos negativos decorrentes de intervenções. Uma condução progressiva e pontual de decisões é preferível a um trabalho muito amplo e abrangente, sobre o qual paira sempre a possibilidade de perda, degradação ou empobrecimento dos inúmeros vestígios históricos existentes. Deve-se renunciar a propostas grandiloquentes, magnificentes. No Sítio

Arqueológico de São Miguel Arcanjo, a escavação de uma cova para plantio de uma única árvore pode provocar danos irreversíveis a estruturas subterrâneas. No entanto, quando acompanhada e monitorada por profissionais atentos que interpretem as informações arqueológicas, assegurando que não lhes seja causado dano, a escavação poderá ser feita de forma inócua,.

A arqueologia possui duas dimensões. Uma material, que são o sítio e artefatos nele coletados. Outra imaterial, constituída pelas informações coletadas na pesquisa. A pesquisa e coleta de dados imateriais se fazem às custas do bem material. Como bem observou Leroy-Gouhan, a pesquisa de vestígios subterrâneos é comparável a um livro que, à medida em que o leitor avança na leitura, vai tendo suas páginas destruídas e, o que é o pior, ninguém mais além desse leitor terá lido ou irá poder ler novamente a obra única destruída. Por isto, quanto mais diversificada em especialistas de diferentes disciplinas for a equipe que atua em uma escavação, tanto mais informações serão salvas. Métodos que não intervenham fisicamente como radares de penetração subterrânea, poupam o sítio do impacto da pesquisa. Adiar uma escavação pode ser uma forma de preservação já que um dia será possível ler com clareza os estratos subterrâneos, sem dano físico ou alteração material.

II – DIRETRIZES PARA UM PROJETO DA PAISAGEM PARA SÃO MIGUEL

Depois de termos andado por um dia inteiro, afinal, pelo entardecer, se nos abriu suavemente a terra, em leve declive ao pé de um outeiro cercado de ameníssimos bosques. Nestes, abundava a madeira, necessária não só para combustível, como também para construir as casas dos índios, a igreja e a minha moradia. Explorar o sítio era tão necessário a nós como todos de Europa, antes de povoarem uma terra e aos romanos antes de tomarem posse das colônias. Inquiriam bem a situação do lugar, se era palustre, arenoso etc., a que ventos estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigado por riachos e rios aprazíveis; além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade, claridade; cópia de pedras e rochas para fender ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para o fabrico de tijolos e mil outras coisas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação.

E assim, como Deus, o autor da natureza e das cousas, dotou esta terra abundantemente de todos os requisitos, por consenso unânime de padres e índios, resolvi trasladar para cá a nova colônia e lançar os fundamentos da vila.

Viagem às Missões Jesuísticas e Trabalhos Apostólicos.
Padre Antônio Sepp S. J.

Considerando as excepcionais qualidades de beleza e harmonia já existentes na paisagem das ruínas de São Miguel, qualidades que precederam a implantação do Colégio e que foram decisivas na escolha do local pelos jesuítas, qualquer proposta de tratamento paisagístico deve ater-se ao mínimo de intervenções possível, procurando preservar o ambiente original, cuja feição, mesmo após anos de abandono e depredação, apresenta-se em ótimas condições de integridade e autenticidade. O projeto de paisagem deverá, na medida do possível, reverter intervenções inadequadas e expurgar usos e atividades adversas aos propósitos de preservação do patrimônio cultural e às condições físicas, biológicas e históricas da paisagem. Não se trata da implantação de um projeto de agenciamento, mas, da elaboração de um plano de preservação paisagística.

Não se deve considerar São Miguel como um sítio avulso, mas como parte indissociável de um contexto muito mais amplo que é todo o território das Missões. Muitas formas de utilização poderiam ser compartilhadas com outras reduções, reduzindo o impacto de uma visita muito densa e maciça em um ou outro local. A preservação, divulgação e uso de territórios e paisagens culturais podem ser mais efetivas quando diferentes sítios são interligados por meio de roteiros históricos, criando-se corredores históricos definidos segundo rotas terrestres ou por cursos d'água navegáveis, ao longo dos quais toda a história possa ser narrada. Nas Missões, a unidade territorial deve ter prevalência sobre o conceito de sítio. O conceito de *paisagem* é comumente confundido com o de *sítio*. Sítio é um lugar, paisagem um sistema. Quanto mais amplos os domínios do território histórico das Missões, maior a integração com o sistema natural e geográfico regional. Não é satisfatório para um turista fruir informações concentradas em um único fragmento de um território cultural e histórico, sem a inclusão de outros trechos. Deve-se convergir esforços para se pesquisar novos pontos a serem visitados e divulgados, sobretudo ao longo dos corredores definidos por rotas históricas. Assim, a visita a São Miguel passaria a incluir muitos outros sítios, como aqueles onde se praticavam atividades agro-pastoris, como as jazidas de argila e de outras matérias primas usadas pela cultura missioneira tanto para a produção como para a

manufaturação de artefatos como é o caso dos velhos fornos de metalurgia ou de produção de tijolos.

A rigor deve-se considerar que a amplitude do projeto deveria ter por limites toda a área das Missões, da qual São Miguel é um dos pontos, no caso o primeiro, a ser contemplado dentro de toda a área nacional dos Sete Povos. Muitos sítios não são ainda conhecidos com clareza. O ideal é que a preocupação conjunta, integrada e indissociável com os elementos da cultura e da natureza local se estendesse também aos outros países sob a forma de um compromisso para o tratamento de todo esse patrimônio, adotando-se normas e critérios análogos. Assim, seriam evitados erros como os que são cometidos no Paraguai onde, por excesso de cuidados, as ruínas vêm sendo pasteurizadas e privadas de qualquer forma espontânea de vida que as anime, em franco contraste com as normas prescritas no *Catecismo das Ruínas* de Dvorák que afirma que, antes de ser considerada como uma intrusão, a vegetação das ruínas é um elemento de embelezamento.

O projeto de São Miguel não deve destacar ou privilegiar os conceitos de patrimônio edificado e de patrimônio natural. Tudo ali está em harmonia, tudo é igualmente valioso. As grandes corujas brancas de hábitos noturnos que, em silêncio, sobrevoam as ruínas são tão importantes quanto as paredes do templo onde habitam. Os pés de umbu são tão eloqüentes quanto as estruturas arruinadas sobre a qual crescem. Apenas quando um elemento vivo e, portanto, passível de reprodução e multiplicação ameaçar um bem cultural único e irreproduzível, como é o caso das ruínas, será indicada sua supressão ou controle.

Dentro dos limites do que me foi solicitado, é indispensável considerar que o projeto paisagístico não deve contemplar apenas o espaço delimitado do sítio circundante das ruínas de São Miguel, mas que deva abranger toda a bacia visual circundante, dentro da assertiva atribuída a Rodrigo de Mello Franco, "*paisagem é até onde a vista alcança*". Qualquer proposta de intervenção no entorno das ruínas de São Miguel deverá respeitar os eixos visuais que permitam a contemplação do monumento, tanto a partir de pontos de vista situados no entorno e convergindo no monumento, quanto dos pontos de vista situados dentro do sítio, permitindo a percepção de qualidades positivas da paisagem circundante e de seus elementos históricos. Deve-se assim ter sempre em vista o respeito aos eixos visuais, ao vazio e às áreas livres. O projeto deverá resguardar as atuais condições de contemplação da paisagem, de percepção do horizonte, do nascer e pôr-do-sol, da lua, das constelações, favorecendo simetricamente a percepção dos valores da paisagem e da história local, tanto para quem estiver situado dentro do sítio quanto para quem estiver fora. O projeto de iluminação deve prever espaços escuros de onde, à noite, se possa contemplar a grandeza do firmamento.

Em São Miguel, o projeto paisagístico deve ultrapassar ainda os limites do quadro natural, estender-se a toda a malha urbana, atuar como elemento vivo de integração da cidade e das ruínas, do passado e do presente, sob a forma de arborização urbana e agenciamento de praças e outros espaços livres, permitindo perfeita integração às ruínas. É indispensável que sítios não históricos sejam preservados conjuntamente com os históricos, dentro de normas que regulem e organizem o sistema que é a paisagem. Como exemplo, citaria uma praça feita para os guaranis na cidade de São Miguel que se encontra em franco processo de degradação, merecendo ser recuperada em todos os seus valores naturais e culturais.

Não se recomenda apenas a elaboração e implantação de um projeto de paisagismo para São Miguel sem que o desenvolvimento de prévios, graduais e progressivos estudos e pesquisas em fontes primárias e secundárias, fundamentado

pelas descobertas arqueológicas, já que qualquer intervenção pode afetar estratos históricos e pré-históricos. Inúmeros testemunhos da história local não foram ainda estudados, de alguns nem sequer se suspeita. A pesquisa tem privilegiado a coleta de dados históricos, mas muito há ainda que se estudar. Em São Miguel foram efetuadas inúmeras formas de usos de terra que devem, sempre que possível, serem resgatadas, restituindo-se ao sítio cultivos agrícolas e pastoris originais e tradicionais. Tratando-se de um sítio onde se preservam vestígios do passado, a reintrodução de práticas tradicionais deve ter sempre prioridade sobre novas formas de agenciamento da paisagem.

Toda proposta de intervenção paisagística deve estar profundamente alicerçada em pesquisas históricas e arqueológicas. Nenhuma escavação do solo ou do subsolo, ainda que servindo a um único plantio isolado, deve ser empreendida sem o acompanhamento de um arquiteto ou, de preferência de um arqueólogo.

Assim, não se recomenda a elaboração de um mega projeto, abrangendo todo o sítio, mas sim propostas isoladas definidas segundo as características formais e históricas de cada trecho da paisagem, executadas sem pressa e sem desacertos, sob a forma de sub-projetos a serem desenvolvidos gradualmente. A cada etapa executada, mais se irá aprender sobre a história local, orientando a etapa seguinte sem riscos de grandes perdas, de forma comparável à restauração de um livro que fosse sendo feita página por página, sem danos ao volume inteiro. Caso a restauração cause a perda de uma página, o livro inteiro não estará sujeito à mesma perda.

Nas ruínas de São Miguel, tudo fala, tudo pode ser lido e compreendido. Ruínas, gente, plantas, tudo evoca o passado, refere-se ao presente, remete ao futuro. Compete ao Iphan ensinar à coletividade a leitura do patrimônio, à compreensão de suas incessantes lições. Nenhum cuidado com a integridade física e autenticidade histórica é excessivo. Um dia alguém irá extrair novas e importantes informações do sítio. Caso tal leitura não se faça imediatamente por processos físicos, novas formas de tecnologia irão permitir, futuramente, a interpretação de registros sem necessidade de intervenção física. Por isto, o projeto da paisagem não deve ser precipitado, mas percorrer, palmo a palmo, como uma carícia, a paisagem que irá valorizar e adaptar ao uso humano.

Qualquer proposta para São Miguel deverá abster-se de intervir no modelado do terreno. Não apenas por que a topografia atual resulta de usos e práticas seculares, como também porque a feição como se apresenta atualmente já é suficientemente expressiva para que venha a sofrer alterações.

Toda intervenção construtiva existente no entorno dos novos terrenos anexados ao sítio deveria ser demolida, incluindo-se aqui a casa do padre. Nada justifica que intrusões sem qualidade estética ou histórica ou sem qualquer finalidade utilitária se interponham à percepção de um patrimônio de valor não somente nacional como também para o mundo e a humanidade.

A especificação de vegetação do projeto deve ser condicionada a duas premissas. A primeira, de cunho cultural, indica o emprego de espécies que detenham relação com o sítio, sob os pontos de vista histórico, arqueológico, étnico, didático e educacional. A outra orienta os plantios, multiplicação, divulgação e valorização das espécies, segundo um compromisso ecológico com a flora e fauna local, com o equilíbrio ambiental.

A escolha de espécies de floração muito espetaculares, com cores extremamente vistosas, deve ser feita com muito cuidado já que podem roubar a percepção visual das ruínas. Contrastando grandemente com seu aspecto vetusto,

árvores muito coloridas podem ser empregadas de forma criteriosa, com simulação da forma como se comportarão ao longo do ano, sobretudo durante a floração. O emprego de espécies como canafístula, corticeira-da-serra, corticeira-do-banhado, ipê, louro e paineira não deve ser descartado, mas cuidadosamente planejado, prevendo-se os efeitos da floração. A paineira, desde que cuidadosamente localizada, é um espetáculo ao longo de todo o ano. Árvore de porte grande e excepcional beleza, que surpreende, nos meses quentes, pela folhagem verde. Em março, cobre-se de flores de cor rosa. No fim do inverno, despida de folhas, o tronco e os galhos de aspecto metálico conferem-lhe aspecto escultórico. Em seguida, ostenta grandes frutos que, ao se abrirem, libertam uma fina paina que voa contra o azul do céu, como pequenas nuvens brancas, meio de dispersão das sementes. Na paina, casais de percevejos cumprem ritos nupciais. Não se pode privar a paisagem de uma espécie com tão especiais atrativos mas, o uso deve ser moderado e os efeitos previstos com segurança já que uma árvore não pode roubar a cena das ruínas.

Considerando as dificuldades que pesam sobre a manutenção de uma paisagem, propõe-se a adoção de uma forma de manutenção que funcione como um jardim selvagem, sustentável, dispensando o maior número possível de operações de rotina. Paisagens muito organizadas tornam-se fastidiosas, Um pouco de informalidade é sempre desejável. Segundo Paul Claudel, *“a ordem é o prazer da razão mas a desordem é a delícia da imaginação”*. Em uma paisagem com visitantes durante todo o dia, algumas operações de manutenção rotineira como limpeza, varredura e corte periódico de gramados não podem ser deixadas de lado. Já tarefas como plantio, adubação e rega, podem ser reduzidas graças à escolha de espécies vegetais que se mantenham de forma sustentável. A paisagem assume assim o aspecto de um ecossistema natural integrado ao ambiente circundante, inclusive o ambiente urbano, apoiando e desenvolvendo funções de apoio à fauna, sobretudo à avifauna e a insetos atraentes aos sentidos como borboletas, cigarras, grilos, vaga-lumes, joaninhas e outros. Os plantios terão também funções ambientais e microclimáticas.

Os plantios deverão ser acompanhados por engenheiro agrônomo ou florestal. De uma forma geral, uma muda de árvore deverá ter no mínimo 2,20 m de altura de tronco, sem ramificações; ser envasadas em recipiente apropriado com sistema radicular desenvolvido e consolidado no torrão; ter raiz mestra sem defeito; copa com 3 a 4 pernadas, bem distribuídas, distando no mínimo 15 centímetros uma de outra e dispostas equidistantemente ao redor do tronco, o que possibilitará uma copa bem formada; folhas com coloração normal; ser sadias e vigorosas; apresentar padronização em relação à largura do caule, altura total e formação da copa. As covas devem medir 0,80 X 0,80 X 0,80m. O fundo deverá ser apicoado, devendo ser preenchidas com um composto de 1/3 de terra argilosa de boa qualidade, 1/3 de terra vegetal de boa qualidade, 1/3 de esterco curtido de curral, 1 kg de esterco de galinha curtido ou adubo de minhoca ou 110 g de condicionador de solo, 110 g de fosfato natural e 40g de cloreto de potássio. As mudas, após o plantio, deverão ser tutoradas com estacas de madeira capazes de sustê-las durante as grandes ventanias. As estacas deverão ser cravadas no solo em profundidade suficiente para permanecerem bastante fixas e sem risco de serem inclinadas ou arrancadas. Devem ser fixadas aos tutores por amarriinhos em forma de 8, evitando-se assim o atrito do tronco com a estaca. Os amarriinhos poderão ser em sisal, fitilho plástico ou cintas reguláveis de lona, plástico ou borracha. Todas as mudas deverão receber protetores de madeira, corretamente fixados ao solo. O período ideal para o plantio é

a época das chuvas. Caso seja feito em outra época, deve-se cuidar para que não falte a irrigação necessária até que a muda esteja perfeitamente pegada. Para garantir o pleno desenvolvimento, deve-se prever trabalhos de manutenção permanente como monitoramento, desbrotamentos, combate a doença e pragas, podas de formação e conformação, adubação, recuperação de danos ou perdas causados a equipamentos como tutores protetores, irrigação, plantio e replantio. As covas não terão golas. Após crescidas, a grama chegará até o tronco, conferindo um aspecto espontâneo e não muito urbanizado.

Algumas providências preliminares são indispensáveis aos futuros trabalhos e devem anteceder qualquer ação paisagística no sítio, como:

1. **Levantamento e Mapeamento Florístico e Faunístico** – da mesma forma que se busca conhecer a história local, deve-se estudar e mapear as espécies da vegetação nativa e introduzida e os territórios da fauna, doméstica ou selvagem, trabalhos que poderão ser desenvolvidos em parceria com universidades de cidades vizinhas como as de Ijuí ou de Cruz Alta, inclusive com a reintrodução e repovoamento de espécies.
2. **Instalação de poços artesianos** - sem a instalação de poços artesianos os plantios correm o risco de fracassar. Um incompreensível parecer jurídico do Iphan foi contrário à escavação de um poço artesiano no pomar. Convém informar que o dano desse tipo de instalação aos testemunhos soterrados do passado pode ser muito menor do que o de uma cova para plantio de uma árvore e que seus benefícios são inumeráveis. Trata-se apenas de um longo e estreito furo vertical que penetra em camadas do sub-solo, muito além dos níveis arqueológicos, mais superficiais, intervenção insignificante se comparada aos efeitos de escavações de outras covas, como as de plantio, que têm diâmetros muito maiores, afetando os estratos mais superficiais onde se pode localizar achados. Como se recomenda que qualquer escavação no sítio deve ser monitorada por arqueólogo, qualquer evidência que porventura venha a se revelar, estará garantida contra danos, privilegiando-se a prioridade da pesquisa no local a ser escavado..
3. **Criação de um viveiro de espera** - não há nenhum prazer em se comprar e plantar todas as mudas e efetuar os plantios de uma só vez. Uma paisagem não é um resultado, é um processo. É sempre mais recompensador transformar uma muda em dezenas do que comprá-las todas prontas. O jardineiro, identificado com a infinita fecundidade da terra, cria um vínculo, quase em pacto, com a natureza. Aprender a produzir mudas é gerar vida. No trato da paisagem não há produto final. Há um processo de múltiplas e constantes modificações. Um sítio não deve ter sempre um mesmo e rígido aspecto, sempre igual, entra ano e sai ano, em que estação for. O imprevisto pode ser o elemento mais precioso. Até o que é indesejável em outras obras criadas pelo homem é bem-vindo no jardim. Um certo ar de decadência, por exemplo. Zonas decadentes favorecem a fantasia muito mais do que se fossem muito arrumadas, sem naturalidade e espontaneidade. Sempre que possível, as mudas deveriam ser produzidas no viveiro de espera, só se trazendo de fora as matrizes a serem multiplicadas e repicadas. Também as mudas que forem transferidas de um local para outro, aí ficarão à espera de serem definitivamente instaladas no novo local. Deve-se demonstrar especial atenção com o solo do viveiro de espera. Misturar palha de arroz queimada ao solo assegura o sucesso do enraizamento de estacas.

III – O PROJETO SOB O PONTO DE VISTA CULTURAL

O projeto da paisagem de São Miguel deve procurar resgatar significados culturais, sobretudo históricos, pela utilização de espécies botânicas tradicionais usadas pelos jesuítas na vida cotidiana das Missões e das plantas mais caras ao povo guarani. Nenhuma intervenção será empreendida caso afete testemunhos arqueológicos e sem que sejam pesquisados ou interpretados pelos especialistas. Sob um ponto de vista didático todas as informações sobre valores históricos, culturais, biológicos e outros devem ser divulgadas para o público, interpretadas em todo o sítio e disponibilizadas em um centro de visita. O visitante não deve ser informado apenas sobre questões históricas mas, também biológicas, ecológicas e ambientais. No que diz respeito ao uso público, o projeto deve prever as atividades passíveis de serem exercidas no sítio sem impacto adverso aos recursos culturais e naturais. Deve prever alternativas e medidas mitigadoras para impactos negativos e estimular impactos positivos. Considerando a complexidade de uma proposta capaz de atender a tantos requisitos, recomenda-se que o projeto deva ser subdividido, sob a forma de vários sub-projetos, que irão sendo concebidos e implantados independentemente e gradativamente, dentre os quais destacam-se:

- **Coleções de Plantas Missioneiras**

Em vista dessa incapacidade de se abastecer a si próprio com o produto de suas lavouras, organizaram os jesuítas o tupambae, ou lavoura da comunidade. Plantam-se aí mandioca, milho, feijões, algodão e várias espécies de leguminosas.

História das Missões Orientais do Uruguai. Aurélio Porto.

Nas práticas culturais agrícolas das Missões é difícil distinguir as espécies nativas dos guaranis daquelas empregadas pelos jesuítas. Para os índios que construíram e para os que ainda freqüentam São Miguel das Missões, plantas exóticas e introduzidas pelos padres passaram a assumir valores míticos, sagrados ou simbólicos incorporando-se à sua cultura e passando a constituir rico patrimônio a ser preservado e, quando possível, resgatado. Não deve ter sido fácil a transição da cultura autóctone para a missioneira. Muitos sofrimentos, inclusive punições físicas, foram infligidas pelos missionários aos nativos que, em carta manuscrita dirigida ao Governador Brigadeiro D. José Adonegui em 1752, compararam sua situação com a dos animais que, se alguém os quer mudar, haverá atropelos, quanto mais quando se trata de seres humanos. Os guaranis praticavam um tipo de agricultura estacional combinada com migrações efetuadas em outras épocas do ano, modos de fazer a serem resgatados, melhor estudados e preservados. Considerando o quanto se destruiu e se saqueou os Sete Povos das Missões, qualquer fragmento da cultura guarani ou da missioneira ligada ao autóctone, deve ser objeto de rigorosas medidas de preservação. O jogo da peteca tornou-se de forma profunda arraigado à cultura brasileira. O brinquedo, descrito, desenhado e atribuído aos guaranis por José Sanchez Labrador em seu *Paraguay Católico*, era fabricado com folhas de milho e penas de aves. Mesmo sendo hoje um jogo oficial reconhecido internacionalmente, não tem sua verdadeira origem reconhecida, devendo ser objeto de registro como Patrimônio Imaterial, atribuído aos guaranis.

A cultura missioneira incorporou espécies exóticas e nativas da vegetação. O uso dado pelos guaranis é objeto dos estudos de Labrador que se refere ao emprego de espécies como o algodão (segundo um documento de 1792, *Relación de lo*

adelantado a beneficio de esta comunidade en este ano do administrador Nicolas de Atenza, nos algodoais havia mais de quinhentas mil plantas. Deveriam ser resgatados o algodão autóctone americano ou *Gossypium peruvianum* representado em uma gravura de 1711, do padre jesuíta Pedro de Montenegro; a cana-de-açúcar (Saint-Hilaire afirma que os padres, conhecendo o gosto dos índios pelo açúcar, plantavam cana por toda parte); o milho (grão que, segundo Sepp, “*aqui dá aos montes. Dele os índios fazem farinha*”); a erva-mate (*Ilex paraguayensis*), uma das mais importantes produções missionárias, principal recurso econômico da região, à qual os jesuítas dedicaram especial atenção. Pequenas áreas de Santo Ângelo, Palmeira, Passo Fundo, Soledade e Cruz Alta, seriam os únicos lugares em cujas serranias e capões a planta ocorre de forma silvestre. Existem diversas variedades de erva-mate e outras espécies do gênero, como a caúna (*Ilex theezans*), também consumidas pelos pássaros, que deverão ser introduzidas nas Missões. Na obra de Hemetério da Silveira *As Missões Orientais e seus antigos Domínios* é transcrita a descrição dos sofisticados processos de plantio, colheita, preparo e venda da erva, precioso registro de tecnologia patrimonial, com ricos e peculiares modos de fazer e de saber; a mandioca (após o milho, a mais consumida por seu amido, sobretudo a variedade tóxica que sabiam preparar sem perigo de envenenamento. Dentro do terreno das ruínas viceja uma espécie nativa de *Manihot*, matriz genética a ser reproduzida e preservada, devendo seu utilizada em plantios nas fímbricas dos bosques.); a batata-doce (assada ou cozida ou sob forma de uma bebida fermentada); o tabaco (intensamente consumido pelos guaranis) e muitos outros produtos vegetais como frutos silvestres, tais quais araticum, goiaba, pitanga, caju, mamão. Ralando-se a polpa branca que preenche o tronco de uma parente do mamão que ocorre de forma selvagem dentro da área das ruínas, moradores de São Miguel fazem um doce muito semelhante à cocada. Vários grãos e cereais como mais de seis dezenas diferentes de feijões e o amendoim eram cultivados, assim como temperos, espécies tintoriais como o urucum e o falso-açafrão ou *Curcuma*, aromáticas como o bálsamo ou incenso brasileiro e medicinais como o óleo-copaíba, a salsaparrilha, a salsa-moura, a erva-de-bicho, a ipecacuanha e muitas outras citadas por Hemetério da Silveira. Labrador estudou e divulgou propriedades das figueiras silvestres e do pau-santo.

Recomenda-se a reintrodução de espécies tradicionais e o resgate de técnicas de cultivo adotadas pelos jesuítas na vida cotidiana das Missões. Para orientar esse trabalho, conta-se com obra do padre José Sánchez Labrador, que relaciona e descreve as espécies mais importantes. Na especificação da vegetação de São Miguel sugere-se o emprego de árvores classificadas por Labrador como as espécies *balsâmicas*. O pêssego-do-mato (*Hexaclamys edulis*), canela (*Ocotea spectabilis*); canela-guaicá (*O. puberula*); canelinha (*O. pulchella*); canela-amarela (*Nectandra lanceolata*); a frondosa canela-preta ou *N. megapotamica*, de madeira mal cheirosa quando molhada; canela-ferrugem (*N. mollis*), pela copa densa e pela cor vermelha e ferruginosa nas extremidades da copa, contrastando com a profusa floração branca; canela-sebo (*Aiouea saligna*); canela-sassafrás ou *O. odorífera*, cuja madeira é a mais perfumada dentre todas as do Sul, senão do Brasil, de enorme potencial paisagístico conferido por uma copa densa e perfeitamente esférica quando plantada em campos. Recomenda-se a consecução de mudas da canela-sassafrás em outros estados já que a depredação da espécie no Rio Grande do Sul deixou somente como matrizes genéticas, exemplares inexpressivos, que podem dar origem a plantas sem as qualidades que se pretende para os efeitos paisagísticos do projeto. No Sul de Minas são produzidas boas mudas das quais se originariam

espécimes que servirão como novos e sadios porta-sementes. Todas essas plantas atraem, alimentam e abrigam aves e outras espécies da fauna nativa, contribuindo para tornar São Miguel das Missões um jardim de alta biodiversidade, um pequeno paraíso para o convívio humano com a vida silvestre.

Os padres se utilizavam de certas madeiras que deviam ser cortadas sempre nas luas minguantes dos meses de inverno. Para tudo o que devia levar ouro e prata e para todo gênero de táboas e canoas usavam o cedro. Com essa madeira se fabricaram imagens, altares e outras obras de talha das quais muitos exemplares estão preservados no museu de São Miguel. Para a cumeeira da igreja, a peroba. Dentre as árvores às quais Labrador dá a denominação de *duríssimas*, recomenda-se o plantio de pau-ferro (*Astronium balansae*) e peroba-vermelha (*Apidosperma parviflorum*), de excelente madeira e beleza ornamental. Deve-se chamar a atenção para a necessidade de os plantios serem efetuados por profissionais que detenham experiência no cultivo de árvores nativas para evitar que espécies secundárias venham a definhir ao sol por falta de pioneiras que lhes proporcionem o sombreamento provisório indispensável ao desenvolvimento. A publicação gaúcha *Ambiente Vivo – Projeto Guarabi-Itá* relaciona as espécies do modelo de plantio misto de nativas em matas ciliares, destacando como pioneiras angico-branco, aroeira-branca, aroeira cinzenta, aroeira-vermelha, bracatinga-campo-mourão, bracatinga-argentina, branquilha, canela-de-veado, cobrina, espinilho, grandiúva, ingá-macaco, pata-de-vaca, rabo-de-bugio, timbaúva e umbu. Como secundárias iniciais e tardias, açoita-cavalo, angico-vermelho, ariticum, branquilha-sem-espinho, cabreúva, camboatá-branco, camboatá-vermelho, canafístula, canjerana, carne-de-vaca, cedro, chal-chal, cocão, farinha-seca, grápia, grapiapunha, guajuvira, ipê-branco, ipê-roxo, louro, marmeleiro, pessegueiro-bravo, tajuva e tarumã. Como reprodutoras à sombra, araçá-do-mato, catiguá-vermelho, cerejeira, erva-mate, guabiju, guamirim, guapuriti, guavirova, jaborandi, murta, pitanga, sarandi-mata-olho, sete-capotes, sincho e uvaia.

Considerando o papel fundamental desempenhado pelos gados bovino, ovino e eqüino na vida missioneira, é de se desejar que o visitante pudesse fruir da contemplação desses elementos vivos nas pastagens próximas às Missões, o que já ocorre de forma casual. Afinal, em 1768, segundo o inventário constante da Coleção de Angelis, feito pelo Administrador Geral espanhol que assumiu os Povos das Missões, São Miguel possuía rebanhos com mais de vinte mil cabeças de gado bovino, mais de dois mil eqüinos e muares e quase mil e setecentas ovelhas. Da mesma forma, a presença de cães de antiga linhagem local no interior do sítio, é um fator de enriquecimento da paisagem além da garantia de segurança à guarda noturna, à qual prestam grande companhia, alertando contra qualquer intrusão. Nos dias em que ali estive, pude acompanhar o triste caso de uma cadelinha que morreu de parto e o sentimento que afetou os guardas e funcionários do Iphan.

• Coleções de Plantas Guaranis

Para os guaranis (...) o paraíso é um pomar infinito no qual árvores anãs de todas as variedades imagináveis provêm um suprimento sem fim de deliciosos frutos.

Animal and Cults in Guaraní Lore de León Cardogan

Grande admirador da vida e da cultura gaúcha, a cada viagem que faço ao Sul, mais me ressinto por constatar que um povo que concede tanta importância e seriedade à defesa da natureza e da cultura mostre-se tão desdenhoso com os

índios e indiferente à humilhante condição em que vivem, sobretudo em Porto Alegre. Os antigos donos da terra estão mais próximos da condição de mendigos que de seres humanos comuns, o que impressiona muito mal o visitante. Nas Missões deveria ser empreendido um sério trabalho de valorização dessas vidas e dessa cultura. O maior patrimônio a ser defendido é o próprio ser humano, o amor e a solidariedade ao próximo. Muito deve ser feito para elevar os guaranis a condições de igualdade com os demais gaúchos. Um simples projeto de paisagem pode contribuir nesse sentido. Sobrevivendo atualmente de artifícios como agricultura de subsistência, caça, pesca, coleta de produtos vegetais silvestres, cooperação de organizações não governamentais, doações feitas por turistas, venda de artesanato e de plantas, nem todos dispõem de uma reserva como a que visitamos em São Miguel. A presença de guaranis no sítio de São Miguel é um enriquecimento do valor humano e cultural do sítio, devendo ser-lhes asseguradas boas condições de permanência não apenas aí, como também em locais vizinhos como a praça construída em homenagem a sua cultura em São Miguel, hoje abandonada e degradada.

O guarani detém conhecimentos e modos de fazer que constituem valioso patrimônio. Além de um grau de conhecimento de etno-biologia, que inclui noções muito próximas da taxonomia erudita, utilizando-se de surpreendente número de plantas medicinais, conhecimento apenas transmissível pela tradição oral, os guaranis têm antigos critérios de seleção de espécies. Modernos especialistas em botânica econômica sugerem tratar-se de procedimentos universalmente praticados desde a Antiguidade na Ásia e Grécia, na Europa Medieval, na América Pré-Colombiana e, ainda hoje, no Oriente Médio.

A produção científica dos missionários e naturalistas jesuítas do século XVIII é bastante rica para orientar qualquer trabalho de reintrodução da vegetação guarani em São Miguel. Sobressai, contudo, a preciosa obra de Sanchez Labrador, *El Paraguay Natural* e *El Paraguay Catolico*, que identifica, classifica e fornece a nomenclatura científica e vulgar, bem como a nomenclatura guarani das espécies descritas. Surpreendentemente, esse povo já detinha um raro conhecimento taxonômico das plantas e de suas famílias. Conhecendo e classificando os vegetais, designa cada gênero por um mesmo nome. Isso não ocorre com a forma vulgar do europeu denominar as plantas, que consiste em dar a cada espécie uma denominação diferente, sem associá-la a outras do mesmo gênero. Não é apenas no conhecimento taxonômico que os guaranis se destacam mas, ainda, em usos econômicos, como o emprego bromatológico e medicinal de espécies nativas.

Não apenas o conhecimento econômico, mas as relações mágicas e míticas com o mundo natural devem ser objeto de preservação. A publicação *Animal and Cults in Guarani Lore* de León Cardogan levanta preciosas informações sobre animais e plantas na mitologia e na cultura desse povo. As plantas por eles revestidas desses valores devem ser utilizadas nos subprojetos para o sítio ou cultivadas em outros sítios. Por exemplo os bambus, que representam o lado feminino da humanidade. Uma taquara nativa que atualmente só ocorre em fazendas particulares. É matéria-prima para a fabricação de cestaria. Um ou outro proprietário autoriza aos índios a retirada da gramínea, permitindo-lhes dispor dos componentes para um trabalho essencial à sua sobrevivência. Não se pode, contudo, contar com favores quando se pode ter direito às fontes de recursos naturais. Deveriam ser estimulados plantios de taquara na reserva indígena, ou em outras áreas onde os guaranis tenham livre acesso, para retirar o material necessário à confecção do artesanato.

O paraíso desses indígenas é um vasto arvoredo de uma espécie profusamente frutífera, à qual dão o nome de *chigy*, *Ruprechtia laxiflora*, da família das poligonáceas, citada, em 1906, por C. A. Lindman na obra *A Vegetação do Rio Grande do Sul*, como ocorrendo em capões de Piratini. Também o cedro (*Cedrella fissilis*), é árvore celestial à qual deram o nome sagrado de árvore-do-criador, sendo atualmente conhecida apenas como árvore-de-barco. Outrora reconhecido como hábeis navegadores, arte da qual se esqueceram, os guaranis utilizavam-se do tronco dos cedros para seus transportes fluviais. Sendo a divulgação do recurso natural com o qual se produziram bens culturais uma forma de enriquecimento do significado desses bens, o cedro nativo deve ser objeto de destaque, recomendando-se o plantio junto ao Museu.

O gerivá (*Arescastrum romanzoffianum*), palmeira sagrada à qual dão o nome de *pindó*, é a planta mais importante na economia tupi-guarani. Cinco gerivás suportam o universo. O herói do mito da inundação salvou-se a si próprio criando o *pindó*, sobre o qual, durante o Dilúvio, os homens viviam como se estivessem sobre torres, acima dos perigos da torrente, alimentando-se dos frutos da palmeira, indispensáveis à sobrevivência de espécies da fauna silvestre como os caxinguelês. Com a madeira dos troncos são esculpidos bancos e assentos dotados de significados esotéricos.

O urucum, o milho, o tabaco e o timbó, trepadeira que envenena os peixes, são também de importância para os guaranis.

As coleções vegetais guaranis não precisam estar concentradas em um único local, mas distribuídas e interpretadas por todo o sítio.

Recomenda-se amplo emprego no projeto de espécies indígenas de significado cultural para os guaranis. Em entrevista sobre as plantas às quais conferem especial valor, os índios destacaram a erva-mate, a palmeira gerivá, laranjeiras e limoeiros, espécies provenientes do Velho Mundo que, introduzidas posteriormente ao século XVI e sem terem encontrado nas Missões nenhuma praga ou enfermidade que as ameaçasse, acabaram por produzir verdadeiros bosques de variedades subespontâneas, aclimatadas à região.

- **Uma planta de especial importância para os jesuítas**

De todas, a mais linda, porém, era uma flor-da-paixão, de formas admiráveis. Clara e distintamente podia-se ver nela os instrumentos da Paixão, os açoites, a coroa de espinhos, a lança, os três cravos. Foi a primeira flor que minha mão tocou em terras da América. Queira Deus me seja esta flor um sinal de minha morte gloriosa e do martírio, segundo o exemplo do meu amado Salvador Jesus Cristo Nazareno, de todas as flores a mais linda. Infelizmente, porém, impedem-nos os meus pecados! De outro lado era essa flor, como logo veremos, um sinal de que o Deus Misericordioso faria bem breve aportar no Paraguai esta Missão e seus fiéis servos. Na Semana da Paixão, na sexta-feira da Mãe Dolorosa, nos foi dado, pela infinita bondade de Deus, podermos pisar o Novo Mundo.

Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos.
Padre Antônio Sepp S. J.

O papa Paulo V ajoelhou-se diante da flor do maracujá ao vê-la pela primeira vez, considerando-a uma revelação divina. A flor-da-paixão é intensamente carregada de significado mágico, místico e religioso para os jesuítas e, por isto, não deveria deixar de ser plantada e interpretada para o visitante das Missões.

Recomenda-se a espécie conhecida pelos gaúchos como maracujá-das-hortas (*Passiflora quadrangularis*), segundo a publicação *Cartilha do Agricultor*, da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. O bolonhês Jacobo Bosio escreveu, no início do século XVII, um tratado descrevendo em tom profético o desejo de Cristo de ver sua paixão e os instrumentos do martírio serem representados em uma flor do Novo Mundo. A nomenclatura flor-da-paixão gerou o nome científico de *Passiflora*, dado por um jesuíta aficionado da botânica no Peru e confirmada por Lineu. Essa é a forma como ficou conhecida em todas as línguas, exceto no português do Brasil onde conservou a denominação indígena *maracujá*, que significa *alimento que já vem na própria vasilha em que será comido* ou então, *alimento que se toma de um só sorvo*.

As deslumbrantes e perfumadas flores, ricas em néctar e já utilizadas para adornar os cabelos das jovens indígenas antes da chegada dos europeus, encantaram os primeiros cronistas da história sul americana e os frades encarregados da catequese dos povos selvagens. Desde o século XVI os missionários utilizaram-se dos elementos simbólicos dessa flor como forma de convencer o indígena da veracidade da fé cristã. Somente associando os elementos florais do maracujá aos instrumentos do martírio de Jesus Cristo, conseguiram fazer com que um povo totalmente ligado à natureza assimilasse símbolos religiosos de outra cultura. As folhas palmadas do maracujá são explicadas como as mãos levantadas pedindo o martírio de Jesus Cristo a Pôncio Pilatos ou os tridentes dos soldados romanos, quando trilobadas; as gavinhas, os chicotes da flagelação; os estigmas claviculados, em número de três, os cravos que prenderam Cristo à cruz; as cinco anteras, na forma de martelo, as cinco chagas; o ovário pedunculado, de forma arredondada, o cálice da amargura ou o Santo Grahal; a coroa filamentosa, de raios azuis, a coroa de espinhos ou a auréola da santidade; o androginóforo, a coluna à qual Cristo foi atado durante a flagelação ou a maça com que se bateu na coroa de espinhos; as cinco pétalas e as cinco sépalas eram os apóstolos presentes à crucificação. O total de dez se explica porque Judas e Pedro não se achavam presentes. As estípulas, a lança que abriu as costas de Cristo; os estames, esponjas embebidas em fel. A flor apresenta ainda as cores utilizadas nos rituais da Semana Santa. O fruto foi interpretado como o mundo que Cristo veio redimir através do trabalho de seus missionários.

Uma lâmina alemã dos fins do século XVII, reproduzida em um livro sobre as reduções jesuíticas, cujo nome não ficou registrado na cópia a que tive acesso, mostra a flor do maracujá fundida, de forma sincrética, com imagens da Virgem e de outros santos. Também Labrador ilustrou-a, sob o nome de *Mburu-cuyá morado*.

Por apresentar tamanha riqueza de significados, recomenda-se o plantio e a interpretação dos significados do maracujá em São Miguel, assim como o recomendei-a para o claustro da igreja jesuítica dos Reis Magos em Nova Almeida, ES. Tratando-se de planta trepadeira, deve contar com o apoio de uma latada, podendo ser plantada junto à vinha.

• Recuperação da Quinta

... Estávamos em pouco espesso arvoredo. (...) À primeira vista, compreendi que essa pequena mata não era natural mas plantada pelo homem há muitos anos e reduzida agora a pomares que viçavam desordenadamente.

Roberto Avé-Lallemant. Viagem ao Sul do Brasil, 1858

O missionário Padre Antônio Sepp von Reccheg, do Vale do Etsch, no Tirol, deixou uma obra com descrições bastante pormenorizadas dos jardins de São Miguel. Tendo efetuado os cultivos da horta e do jardim, deu-lhes o nome de Vergel

Mariano, em equivalência aos belos jardins floridos do Tirol e da Alemanha Meridional, os *Meriengaertch*. Símbolos do amor mariano, por isto ornados com flores de cor azul e rosa, “as plantas de Maria”, o desaparecimento desses jardins foi lamentado por Sepp.

Sepp, movido por enorme devoção a Maria, distribuía imagens da Virgem Negra de Alt-Oettingen venerada na Bavária. Divulgou seu culto até no plantio de enormes pomares de frutos como pessegueiros, ameixeiras, macieiras e nogueiras, no local conhecido como *Tupanciretã* ou Terra da Mãe de Deus.

Embora seja de se supor que a restauração de todo o vergel vá contar com o concurso de especialistas, sobretudo de universidades regionais, não se deve deixar de solicitar à Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul um ou mais exemplares da *Cartilha do Agricultor* para a biblioteca municipal e para o Iphan, já que contém informações básicas sobre espécies econômicas e formas de cultivo tradicionais no Rio Grande do Sul.

A recuperação da quinta subdivide-se em quatro diferentes ações:

1. Recuperação do Pomar

No vergel tenho macieiras, pereiras e nogueiras (...) Além disso, tenho pêssegos, romãs, limas doces e azedas, marmelos e mais frutas indígenas muito boas. A vinha é tão boa que bem daria uns cinqüenta baldes.
Viagem às Missões Jesuísticas e Trabalhos Apostólicos.
 Padre Antônio Sepp S. J., 1691.

Há algum tempo, técnicos do Iphan já haviam dado início à restituição do pomar em seu local original. Essas fruteiras já apresentam bom porte. Deve-se, contudo, dar continuação a esse trabalho, intensificando os plantios e introduzindo-se muitos outros pés de frutas como laranja, limão, cidra, turanja, bergamota e outros cítricos, mamão, banana, marmelo, uva e muitas outras. Certas espécies nativas como um mamoeiro selvagem (*Carica quercifolia*), que viceja espontaneamente sobre as ruínas e de cujo tronco se faz um doce, prato típico da culinária local, devem ser objeto de um plantio sistemático. A Labrador, eram especialmente caras as mirtáceas, uma das mais belas famílias botânicas do mundo, que inclui fruteiras indígenas como jaboticaba, araçá, gabiroba, guabiju, goiaba, cereja-do-rio-grande, goiaba-da-serra e outras, produtoras de frutos tão caros ao homem quanto à ornitofauna.

A uma espécie frutífera nativa, do mesmo gênero da ameixa, da nectarina, da amêndoa e do pêssogo europeus, o *Prunus selowii*, deveria ser intensamente cultivada não apenas no pomar como também nos bosques.

Também a araucária, planta relictas a desaparecer das paisagens nativas, outrora tão cara aos jesuítas, que com ela plantavam aléias, devem compor o pomar. Deve-se atentar à interferência de escala e volume que podem provocar quando usadas em repovoamento com espécies nativas.

2. Restituição dos Jardins de Flores

Temos um jardim extraordinariamente grande, para o qual só preciso dar um passo, vindo do meu quarto. (...). No

jardim de flores temos lírios brancos, lírios indianos, girassol, malmequer, violetas amarelas e azuis, esporeira, chagueira e lindas flores indígenas.

Viagem às Missões Jesuísticas e Trabalhos Apostólicos.
Padre Antônio Sepp S. J., 1691

Mesmo que não existam dados suficientes para restituição da feição exata dos jardins dos jesuítas, pesquisas podem informar sobre as espécies que utilizavam e sobre sua localização. A prática da jardinagem deve voltar a embelezar e animar a vida nas imediações das ruínas. A palinologia permite que se descubra pólen de flores já desaparecidas, podendo ser resgatadas espécies desaparecidas. Nada impede que se plantem outras espécies de flores, vegetais, legumes e ervas medicinais mais modernas, já que nenhum jardim fica parado no tempo mas, vai incorporando novas espécies ao longo de suas diferentes épocas de evolução.

Se qualquer cidadezinha do interior dispõe de um jardineiro para cuidar da praça pública, é incompreensível que um patrimônio mundial não possa dispor de mão de obra para cuidar das flores de seus jardins. É imprescindível que se restitua a São Miguel todo o Vergel Mariano da Terra da Mãe de Deus, plantando não apenas flores de cor azul e rosa, como ainda destacando o valor simbólico de outras flores trazidas pelo europeu, como de rosas, associadas a Maria e lírios, a São José e divulgando-lhes os especiais significados e relações com os santos cultuados nas Missões. Por sua relação com a toponímia do sítio, mesmo tratando-se de flor nacional e ainda que não se saiba se os jesuítas a conheceram, recomenda-se, subindo por alguma estrutura parietal dos jardins, o plantio de uma trepadeira ornamental nativa do Brasil, a flor-de-são-miguel, de belíssimos e duradouros cachos de flores azul-violáceo. Pode-se até mesmo estimular o plantio e a venda de mudas dessa espécie, bem como também de outras, em lojas de *souvenirs* existentes no sítio ou em suas imediações.

3. Horta

Há aí uma horta para hortaliças e saladas, outra para árvores frutíferas, uma com ervas para os doentes, bem como uma vinha particular linda. Na horta há saladas o ano inteiro: salada de endívia bem amarela, uma cressa, outra não. Além disto, salada repolhuda da Bolonha, chicória, pastinaga, espinafre, rabão miúdo e graúdo, repolho, couve nabeira e nabo bávaro, que trouxe de Munique, salsa, aniz, função, melões, coriandro, pepinos e outras plantas indianas.

Viagem às Missões Jesuísticas e Trabalhos Apostólicos.
Padre Antônio Sepp S. J., 1691.

A horta é também um jardim. Os franceses dão-lhe o nome de *jardin-potager* e nele, a finalidade utilitária não exclui as qualidades estéticas. As hortas não são inferiores a um jardim de flores e como tal devem ser vistas, sentidas e cuidadas.

4. Jardim de Ervas Medicinais

Na horta das ervas tenho hortelã, arruda, alecrim etc. A pimpinela foi devorada pelas formigas.

Viagem às Missões Jesuísticas e Trabalhos Apostólicos.
Padre Antônio Sepp S. J.

O jardim de ervas aromáticas pode oferecer ao público mudas, produtos para venda como sementes, raízes, folhas frescas ou secas, informações sobre os efeitos terapêuticos, assim como as formas de utilização com fins medicinais, insetífugos,

aromáticos ou como temperos e outros. Como a Universidade de Cruz Alta possui um horto rico em espécies medicinais e aromáticas, não seria difícil a obtenção de mudas e de tecnologia para cultivo em São Miguel.

- **Intervenções para Visibilidade do Monumento**

“A praça é rasa como uma campina”

Viagem ao Rio Grande do Sul. Auguste de Saint-Hilaire

Todo o entorno das ruínas deve ser conservado de forma livre e desimpedida, beneficiando a *mise-en-valeur* do sítio monumental. A paisagem deve ser sempre considerada como vista e como ponto de vista. Como o que se vê e como o lugar de onde se vê. Deve-se assegurar o gozo ou fruição da paisagem in situ e sua apropriação à distância. As condições que assegurem essa simetria e reciprocidade de visibilidade devem ser preservadas da forma mais íntegra possível. Todavia, em alguns pontos do entorno das estruturas, serão necessários plantios arbóreos, isolados ou em grupos, para corrigir problemas de enquadramento visual, para emolduramento ou destaque de um ou outro ângulo visual, para aumentar o conforto do visitante. A proposta desses plantios deve ser antecedida por estudos de simulação visual do efeito que provocarão aos monumentos e às condições de percepção.

- **Reintrodução de Cactos**

... sobre as cornijas, nas fendas das pedras e nas volutas crescem viçosamente cactos gigantescos, uma floresta de criptógamas e até árvores, pouco ficando a dever aos jardins suspensos de Semíramis, Maravilhosas borboletas esvoaçavam sobre as ruínas e, no alto, nos elevados pontos, os pássaros da floresta chilreavam a sua canção da tarde sobre a solidão profunda, grave, premonitória.

Roberto Avé-Lallemant. *Viagem ao Sul do Brasil*, 1858.

É importante tentar-se resgatar o aspecto original das ruínas que, segundo gravuras de época, apresentavam belos exemplares de cactos, formando uma silhueta ricamente recortada contra os céus, que muito embelezavam a paisagem. Os cactos são localmente chamados de *tuna*. A julgar pela publicação *Flora do Rio Grande do Sul – Cactos*, feita pela Fundação Botânica do Rio Grande do Sul, as espécies que ali medraram poderiam ser o *Cereus uruguayanus*, cacto de forma colunar, conhecidos em outras regiões do país como mandacaru e a *Opuntia rubrogemma*, com caule em forma de palmatória. Outros sítios missionários acham-se ainda revestido dessas espécies e aí se poderia obter mudas para reintrodução em São Miguel. O *Cereus uruguayanus* apresenta grandes flores alvas que se abrem profusa e perfumadamente à noite, chegando a atingir o diâmetro de trinta centímetros. Essas flores, que parecem da cor da lua cheia, abrem-se coincidentemente com seu surgimento no céu. *Opuntia rubrogemma* tem abundantes flores com colorações que incluem o amarelo-gema-de-ovo-caipira, cor-de-abóbora e cor-de-fogo. Os frutos de ambas são muito procurados pela avifauna, atraindo pássaros, sobretudo os de hábitos noturnos e crepusculares. Avé Lallemant chama a atenção para esses mesmos cactos, também destacados por

Labrador. Lúcio Costa recomendou a formação de cercas-vivas de cactos em São Miguel, o que contribuirá para aumentar o número de plantas da família no sítio. Suponho que se trata de um tipo de cerca outrora comum em Minas, uma paliçada feita com cactos plantados de forma contígua, lado a lado que, até os anos 50 quando, por facilidades da construção civil, desapareceram, dando lugar a cercas pré-fabricadas.

- **Plantios Evocativos de Edificações Desaparecidas**

Assim também a cobra se imprime à lembrança de seu rastro.

Carlos Drummond de Andrade

Fui consultado pelo arquiteto Wladimir Fernando Stello sobre a possibilidade de se prestar informações sobre a localização de antigas edificações na grande praça circundante dos monumentos por meio do emprego de plantios que, por cor ou textura, se diferenciasssem do gramado, demarcando e revelando essas áreas pretéritas como forma de se informar ao visitante a localização exata de edificações hoje desaparecidas como, por exemplo, a Casa dos Índios. A idéia é excelente, mas de difícil concretização por exigir o cumprimento de rigorosas normas de manutenção. Podem ser sugeridas algumas possibilidades:

1. Plantio com palmeiras cujos fustes repetissem a modulação dos cheios da edificação - isso geraria uma intervenção quase arquitetônica, a meu ver excessiva.
2. Plantio de espécies arbustivas ou mesmo herbáceas com certo porte - o efeito volumétrico não é desejável, por ocultar o nível do terreno.
3. Distinguir os espaços evocativos por meio de variação da cor da grama e, assim, marcar exatamente a posição das antigas edificações. Seria utilizada outra espécie de grama, de cor diferente, como se faz em gramados listrados ou xadrezes de campos de futebol ou como o fez Roberto Burle-Marx ao reproduzir o desenho das calçadas de Copacabana em um trecho gramado do Aterro do Flamengo. Talvez uma espécie de grama *variegata* fosse o ideal. Tal tecnologia existe e a marcação dos espaços evocativos seria permanente. Contudo, isso certamente imporá severas exigências à manutenção, pois, sem maiores cuidados, as duas gramas de diferente coloração acabarão por se interpenetrar, resultando em um só tom e cessando o efeito. Um problema que certamente surgirá, caso a manutenção não seja rigorosa, serão as ervas ditas daninhas. Normalmente imperceptíveis, iriam proliferar livremente entre as duas espécies, tendendo a uma uniformização contrária ao efeito que se pretende obter.
4. Outra idéia seria plantar uma única grama, deixando de efetuar o corte raso no trecho que se quer ressaltar. Quando a grama de um trecho estiver crescendo, corta-se a outra. A diferença se faria apenas pela diferença de altura do gramado.
5. Solução mais refinada e sofisticada que, embora não sendo simples, não ofereceria tamanha dificuldade no trato rotineiro, seria plantar, intercalados com a grama já existente e marcando a projeção horizontal das extintas edificações, bulbos de espécies de uma flor nativa local. O *Zephyranthes sp.*, espécie tradicionalmente usado em jardins de todo o mundo para formar grupos coloridos em tapetes herbáceos, viceja nos canteiros diante do aeroporto de São Miguel e é a espécie mais adequada para isso. Se, por dificuldade de se conseguir o

número necessário de bulbos, não se puder utilizar a espécie nativa, pode-se empregar outra, mais facilmente encontrada no comércio, o *Z. grandiflora*. Essa planta, cujo nome científico significa flor-do-vento-oeste, é de pequeno porte. O verde das folhas iria confundir-se com o do gramado sem criar diferença de volume e a cor da flor marcaria o espaço. Um corte da grama antecedendo o momento em que despontam os botões florais suprimiria as folhas do *Zephyrantes* mas não as flores. Todo o gramado floresceria em suave tom de rosa ou, caso se empregue uma outra espécie, o *Z. candida*, na cor branca. Há necessidade de se proceder ao corte do gramado em datas previstas com exatidão, sob pena de se destruir os botões florais antes que se abram. O único inconveniente é que, sendo de floração primaveril, fora dessa estação se perderia o encantador efeito, infelizmente sazonal e restrito à primavera.

- **Plantas Ruderais**

Mato? Mato é apenas uma planta cujas propriedades desconhecemos.

Emerson

As pequenas ervas conhecidas como plantas daninhas, oportunistas, pioneiras ou, mais comumente, como *mato*, são também chamadas plantas ruderais, termo que deriva do latim *runderus*, ruína. As atividades desenvolvidas pelo homem em torno de seus assentamentos provocam a liberação de proteína, o que altera as condições do solo, tornando-o propício à proliferação de certas ervas que nascem ao redor de locais há muito colonizados, mesmo depois que já tenha abandonado um sítio. Muitas constituem traços da identidade de antigos assentamentos humanos. Embora chamadas de daninhas, são sempre um encanto nos jardins que, sem elas, passam a ter um ar antisséptico e pasteurizado, perdendo a oportunidade de atrair os mais simpáticos insetos, como as joaninhas e borboletas. Tais plantas podem constituir importantes testemunhos históricos, segundo o lugar de origem, podendo mesmo prestar informações sobre a história do sítio. Muitas dessas ervas são ricas em propriedades medicinais. Podem ser utilizadas como um ornamento a mais, só se suprimindo as que apresentem graves inconvenientes como a tiririca, o alho bravo e alguns trevos.

Além da característica migratória, ao acompanharem os passos humanos, muitas desempenham outros papéis importantes como alimento, bebida, recreação, alucinógeno, estimulante

Dentre essas plantas deve-se semear a sensível vergonhosa, mimosa ou pudica, tão caras a Labrador que, por fecharem as folhas quando tocadas, foram por ele consideradas como merecedoras de primazia entre todas as outras plantas, um modelo de comportamento circunspecto e recatado a ser adotado pelas pessoas por demais desenvoltas. Labrador destaca seis espécies desse curioso gênero. Também os trevos, dos quais o Rio Grande do Sul possui espécies de deslumbrante floração, atraíram Labrador e devem ser plantados em alguns trechos do gramado.

IV – O PROJETO SOB O PONTO DE VISTA ECOLÓGICO E AMBIENTAL

A vegetação a ser empregada no projeto de São Miguel das Missões pode, embora não seja este o principal objetivo, prestar-se à função de um pequeno jardim botânico regional procurando, sempre que possível e sem perturbar a percepção do patrimônio edificado e arqueológico, interpretar os valores botânicos das espécies, suas utilidades práticas, assumindo, de forma espontânea, a função de um banco genético de onde possa ocorrer a dispersão de mudas e sementes.

É de grande importância que as plantas não sejam consideradas isoladamente, mas em suas relações com a fauna. Os índios que hoje permanecem em São Miguel, fazem, em madeira, delicados objetos de talha para venda aos turistas, representando a fauna nativa. É curioso comparar a semelhança entre as linhas simples e despojadas dessas obras com as ilustrações de Sanchez Labrador sobre os mesmos animais.

Sob o ponto de vista ecológico e ambiental o visitante não deve ser informado apenas sobre aspectos históricos do sítio mas também biológicos e ecológicos. A paisagem deve ser perfeitamente integrada ao sistema natural regional, devendo ser previstos os efeitos de cada intervenção sobre o sítio e seu entorno.

Esses efeitos incluem a possibilidade de atração ou afastamento de espécies da fauna, sejam elas benéficas ou adversas. Impactos resultantes de intervenções como plantios e outras, podem vir a corrigir ou provocar problemas ambientais, daí a necessidade se prever as alterações que a vegetação poderá criar sobre a insolação, a ventilação e a percepção da paisagem.

- **Cuidados com a Fauna**

Há um ser eterno cósmico e todas as espécies animais nada mais são do que suas manifestações terrenas.

Dr. Otto Zerris, em *Animal and Plant Cult in Guarani Lore* de León Cadogan.

Os guaranis sempre cultuaram certos animais como a onça, o mais temível inimigo após o próprio ser humano, cuja alma celestial, após descorporificada, é semelhante à humana. O onça seria a causa dos eclipses e sua forma eterna, junto com o morcego eterno e a cobra eterna, guardiões do paraíso onde habita o Criador. Outros animais como o grande porco selvagem, as serpentes celestiais que, em par, constituem o arco-íris, a anta, cujo caminho celestial é a Via Láctea, tatus, pássaros, colibris, abelhas e vespas, assumem valores míticos.

É importante promover a manutenção das espécies da fauna existente no sítio, quer seja composta por remanescentes originais de áreas silvestres adjacentes, como por animais visitantes ou já adaptados ao meio urbano. É necessário preservar também os significados que assumem para a cultura missioneira, sobretudo para os guaranis. Além do cumprimento de uma postura ética de respeito, solidariedade e proteção a outras formas de vida que só o ser humano pode exercer, cria-se um ambiente mais favorável aos visitantes, com reflexos sociais e educativos, ampliando-lhes a percepção, sensibilidade e compreensão sobre o mundo natural e suas inter-relações com o cultural. A vegetação é o mais importante elemento de apoio à vida animal, devendo a especificação vegetal considerar os efeitos positivos sobre a fauna. Algumas moitas mais densas servem de abrigo a diversos animais, entre eles pássaros que necessitam do intrincado dos galhos e de folhas secas para defesa dos ninhos, não se recomendando a limpeza excessiva desses locais. Galhos secos atraem ainda insetos xilófagos que constituem alimento das aves. Se

for possível manter a grama sem cortar, várias espécies de aves e mesmo roedores silvestres que necessitam de grãos para a alimentação serão beneficiados.

É indispensável assegurar a presença de rãs, pererecas, sapos e lagartixas, cujos rápidos movimentos revelam esconderijos nos interstícios das estruturas. Deverão ser tomadas especiais medidas com vistas à preservação, repovoamento e atração de espécies animais, inclusive insetos inócuos, da mesma forma como se deve combater os nocivos, dos quais Hemetério da Silveira cita espécies como bicho-de-pé, percevejo, pulga, pernilongo, borrachudo, mosquito-pólvora, mutuca, varejeira, formigas, piolho e ácaro da sarna.

O Rio Grande do Sul dispõe de excelente trabalho sobre árvores nativas de seu território que se prestam à alimentação de animais, sobretudo de aves. A obra, publicada em 1985, *Frutíferas Nativas Úteis à Fauna na Arborização Urbana*, de Maria do Carmo Conceição Sanchotene, é de consulta indispensável a qualquer projeto de repovoamento faunístico.

• Plantas que atraem, abrigam e alimentam aves

... o silêncio da floresta, a hora da tarde de um dia claro, o chilreio dos pássaros nas pedras em ruína em toda parte e as lindas plantas que viçavam em todas as cornijas elevaram maravilhosamente o profundo acorde menor que pulsava em minha alma.

Roberto Avé-Lallemant. Viagem ao Sul do Brasil, 1858.

Os pássaros são atraídos por três tipos de alimentos: as frutas, os grãos e cereais e os insetos, que abundam onde há frutas. Para a atração de aves, recomenda-se espécimes frutíferas nativas e uma única exótica, a calabura (*Mutingia calabura*), árvore cujas mudas se pode comprar em hortos. É a mais importante de todas, já que durante o ano inteiro não interrompe a produção de doces e pequenos frutinhas.

A região é rica em espécies das famílias das anonáceas, como o araticum (*Rollinia salicifolia*, *R. sylvatica* e *R. rugosa*); araticum-cagão (*Annona cacans*), o araticum-do-brejo (*A. glabra*) e pindaíba (*Xylopia brasiliensis*). Mirtáceas dos gêneros *Psidium*, *Mirycaria*, *Mircia*, *Mircyanthes*, *Eugenia*, *Campomanesia*, *Feijoa*, *Aulomyrcia*, *Aubervillea*, *Blepharocalyx*, *Phyllocalyx*, *Stenocalyx*, *Gomidesia*, gêneros que incluem as goiabas, os araçás, as jabuticabas, os cambuís, as pitangas, as grumixamas, a guavirova, a cereja-do-rio-grande, a batinga, o guabiju, o o pêssego-do-mato, a pitangola e, dentre todas, a que apresenta as mais belas flores, a goiaba-da-serra (*Feijoa selowiana*). A grandíúva (*Trema micrantha*); cactos dos gêneros *Cereus* e *Opuntia*; ingá (*Inga edulis*); a caapororoca (*Rapanea umbellata*); mulungus cujas flores atraem psitacídeos, como a *Erithryna falcata* e *E. crista-galli*; maracujás; o pinheiro-bravo (*Podocarpus lambertii*), conífera brasileira associada à *Araucaria angustifolia*, sob cuja sombra se desenvolve nas florestas. Para assegurar às aves os grãos de que necessitam, sugere-se, além de deixar pequenos trechos de gramado sem cortar, fazer um canteiro com grãos encontrados no mercado como alpiste, painço, aveia, girassol, milho e colza, deixando-os florir e frutificar. Como nem sempre se poderá introduzir plantas de grandes dimensões devido às limitações espaciais, deve-se estimular plantios nas vizinhanças, onde e quando for possível. O apoio à avifauna pode contar com atividades como a ceva, colocando-se um comedouro onde se pode dispor de restos de frutas, farelo e miolo de pães e cereais, tomando-se cuidado para que não atraiam também ratos; uma bacia para o banho das avezinhas e o plantio de espécies que produzam material

para a confecção de ninhos, por parecerem paina e fibras como o xaxim, o algodão, dente-de-leão. Grãos e sementes de gramíneas alimentam várias espécies.

Alguns frutos estimulam o canto das aves por excitar-lhes a garganta como é o caso das pimentas.

Para os guaranis há pássaros abençoados ou sagrados como os pássaros da tempestade que atraem raios ou servem de mensageiros aos deuses.

- **Plantas cujas flores atraem beija-flores**

Um dos pássaros da tempestade que ocupam um lugar proeminente na sabedoria popular dos guaranis é Krummá, um beija-flor. No mito Mbyá da criação o surgimento do pássaro é simultâneo com o do Criador.

Animal and Plant Cult in Guarani Lore.
León Cadogan

Citem-se de um modo geral, como capazes de atrair os colibris, todas as plantas de flores tubulares como as acantáceas em geral, das quais existem uma ou outra bela espécie silvestre a florescer nas ruínas e outras dos gêneros *Justicia*, *Jacobinea*, *Aphelandra*, *Asystasia*, *Barleria*, *Ruellia*, *Sanchesia* e *Pseuderanthemum*; gesneriáceas; calandras; helicônias; a indispensável *Grevillea banksii*; hibiscos da espécie *Malvaviscus arboreus*, *Abutilon* e *Hibiscus schyzopetallus* e muitas outras. Tratando de espécies extremamente vistosas, deve-se atentar ao impacto visual com o sítio histórico.

- **Plantas que atraem borboletas e insetos**

Entre os inocentes nota-se: a imensa variedade das borboletas, bruxas, escaravelhos, as mariposas, os vagalumes grandes ou pequenos, o louva-deus, as cigarras, a lanternaria (sem razão considerada venenosa), a esperança ou gafanhoto verde noturno.

As Missões Orientais e seus Antigos Domínios. Hemetério José Velloso da Silveira, 1909.

Plantas anuais como titônias ou perenes como camarás (*Lantana camara* e *L. montevidensis*) atraem borboletas pelo néctar das flores ou por abrigá-las no estado larvar, quando tem a forma de feios e vorazes mandarovás que devoram as folhas da involuntária hospedeira, deixando-a muitas vezes completamente desnudada. Manacás e aristolóquias são especialmente procurados por lagartas que aos visitantes parecem repelentes ou assustadoras. Frutas podres, especialmente as bananas, atraem as borboletas de cor azul-metálico do gênero *Morphos*.

- **Flores Melíferas**

Entre os insetos úteis, a abelha jataí, a guaraípo, mandori, mandaguaí, tubrina, iratim, a manda-saia, a lixiguana (espécie de marimbondo), que produz o mel mais puro e delicioso e abelha-mirim de três qualidades.

As Missões Orientais e seus Antigos Domínios. Hemetério José Velloso da Silveira, 1909.

O paraíso guarani, segundo Nimuendajú, é rico em frutos e mel. Diminutas abelhas encarregam-se de alimentar a casa do Criador e uma vespa eterna é mensageira dos céus para os curandeiros, únicos que sabem interpretá-las. Abelhas e vespas são os insetos mais fáceis de se atrair em uma paisagem. Sua dieta básica, de néctar e de pólen, pode ser encontrada em quase todas as flores.

Embora inofensivas quando não são perturbadas ou atacadas, para assegurar maior segurança ao visitante e usuário do sítio, florações extremamente melíferas deveriam ser previstas para áreas periféricas, afastadas dos locais onde o uso público é exercido de forma intensa. Plantas nativas, como o branquilha, podem prover as abelhas de farta matéria-prima para produção de mel, atividade econômica sempre bem-vinda.

- **Plantas Perfumadas**

O hálito das flores é muito mais doce no ar, onde se desloca como acordes musicais, do que em nossa pele. Nada mais adequado para fruir esta delícia do que saber quais flores e plantas melhor perfumam o ar.

Francis Bacon

A *Brunfelsia uniflora* ou manacá, símbolo gaúcho e nacional, tem feérica floração, ostentando simultaneamente flores de cor branca e de cor azul, de delicioso aroma. Há séculos é uma das espécies da flora nativa favorita dos jardins brasileiros, utilizada desde o início de nossa história. Outras plantas apresentam o atributo de perfumar deliciosamente a atmosfera nas horas crepusculares e no começo da noite, como a flor-do-imperador (*Osmanthus fragans*), jasmim-do-cabo (*Gardenia jasminoides*), madressilvas (*Lonicera spp*), gerânios (*Pelargonium spp.*), magnólias arbóreas e arbustivas, murtas, café e jasmims e muitas outras, sendo preferível o emprego de espécies locais como a cobrina (*Peschiera australis*).

- **Plantas noturnas**

O jardim parecia estar vivo, cintilando à luz da lua cheia. Nós humanos, não podendo enxergar bem à noite, somos forçados a nos mover mais devagar e ter tempo para identificar sinais, sons e perfumes. A noite cai sobre todos. Consideremos criar jardins para o gozo noturno.

C. Wilkinson Barash – Evening Gardens

À noite em São Miguel, apresenta-se um espetáculo de luz e som pelo qual um homem da natureza como eu nunca me interessei. Ao revelar ou enfatizar aspectos espetaculares da história, acaba por afastar a alma contemplativa daquilo que realmente lhe interessa, o repouso do passado e a vida que pulula na noite e no silêncio das ruínas. No entanto, para a maior parte dos visitantes, acostumados a passar grande parte da vida sentados diante de uma televisão em cidades barulhentas, essa é a melhor forma de divulgar a história missioneira. Entretanto, almas mais sensíveis encontram nas ruínas revelações noturnas muito mais ricas que esse caro e sofisticado modismo. Um fascinante exemplo de seres noturnos são as corujas, sobretudo as grandes corujas brancas que vivem nos desvãos das paredes da igreja.

Em trechos onde o público tenha acesso à noite, em horários de espetáculo de luz e som, é recomendável o plantio de belas espécies com floração noturna, plantas fosforescentes ou perfumadas à noite como a dama-da-noite (*Cestrum nocturnum*), as maravilhas ou boninas (*Mirabilis jalapa*), mais crepusculares que noturnas, a ipoméia de grandes flores brancas (*Ipomoea alba*), as trombeteiras ou daturas (*Brugmansia suaveolens*). A preservação dentro do sítio de espaços escuros, sem iluminação artificial, permite a contemplação de fenômenos vegetais e animais noturnos de luminescência e cintilância, como os que ocorrem com os vagalumes que parecem envolver a natureza com um manto.

• Flores Silvestres

Nos meses de setembro e outubro o próprio campo é coberto de uma grande variedade de flores. A anêmona desde quase rasteira até a cebola-cecém ou açucena-escarlate do campo, os malmequeres, (muito variados com o nome impróprio de boninas), a maravilha, muito aromática e de cores variadas (esta é a verdadeira bonina), a rosa branca e a escarlate (inodoras e muito propagadas como cercas de jardim), o cipó-de-são-joão (tirado do mato e cultivado para o mesmo fim) o bico-de-papagaio, a flor-do-maranhão (esta nasce espontaneamente nos quintais), o coral, o alevante ou mangericão-bravio, a erva-de-nossa-senhora ou trevo-do-mato, as parasitas muito variadas nos bosques mas pouco apreciadas, a vela-da-pureza, as flores de diversas qualidades de cactos ou cardos, o jasmim-do-paraguai, conhecido com o nome de primavera, igual ao que sob outro nome abunda no Norte, a boca-de-leão de várias cores (digitalis) o cravo-amarelo, a saudade-do-campo e inúmeras outras.

As Missões Orientaes e seus Antigos Domínios. Hemetério José Velloso da Silveira. 1909.

A vegetação nativa dos campos da região de São Miguel é de uma beleza incomparável pela indescritível profusão e diversidade de espécies. Além de algumas espécies gaúchas tornadas cosmopolitas e hoje indispensáveis em qualquer jardim do mundo como as verbenas e petúnias, vicejam pelos campos espécies desconhecidas de paisagistas e jardineiros, como é o caso de uma escrofulariácea presumivelmente do gênero *Angelonia*, da qual qualquer colecionador estrangeiro se orgulharia. Além de constituírem os mais expressivos bens do patrimônio florístico rio-grandense, essas paisagens são um banco genético com espécies inéditas na arte da paisagem e jardinagem que podem representar expressiva fonte de divisas, caso sejam registradas, antes que um estrangeiro o faça, passando a cobrar direitos pelo seu uso. As espécies levantadas na reserva onde moram os índios deveriam ser utilizadas, de forma espontânea, nos grandes relvados que circundam as ruínas.

A aparência natural dos relvados que compõem as ruínas, como foi descrito por Wolfgang Hoffmann Harnisch, não deve excluir o estrato herbáceo formado por uma infinidade de flores coloridas, certamente as mesmas que sobrevivem nas imediações e na reserva. Deve-se lembrar o valor genético dessas espécies que são levadas para o exterior onde os direitos de uso para hibridação e venda de mudas e sementes é registrado em benefício desses países, sem qualquer benefício para o Brasil.

As áreas relvadas em torno das ruínas não devem ser constituídas por um monocultivo de gramínea, mas reunir uma seleção das diferentes espécies rasteiras e de ervas de baixo porte que ali vicejam espontaneamente. Em regiões onde a biodiversidade é elevada, não se recomenda pasteurizar a paisagem. Em hipótese alguma se recomenda a substituição dessas plantinhas por uma só espécie de grama, devendo-se conservar o relvado da forma como se apresenta, com as mesmas espécies que o compõem atualmente e mesmo introduzindo algumas que podem ser coletadas em sítios vizinhos. Sobretudo quando vicejam junto a velhas estruturas arqueológicas, as flores silvestres são um elemento de valorização da paisagem. O plantio de uma única espécie de gramínea confere um ar artificial à paisagem, como se fosse um campo de futebol. Pequenas plantas ruderais que

vicejam espontaneamente por toda parte ao redor da edificação são um grande atrativo e podem também informar sobre a história e cultura local. Para melhorar o aspecto geral, o relvado deverá ser recoberto, no inverno, antes das chuvas de primavera, por fina camada de terra peneirada que alinhe as diferenças de nível do terreno, que sirva de proteção à vegetação contra o frio, que forneça ou reponha nutrientes ao solo. Recomenda-se também uma boa adubação.

Em um país com níveis tão elevados de biodiversidade, o gramado não precisa ter a aparência impecável. Certas plantas que a ele se associam devem ser retiradas, outras nem sempre, desde que não prejudiquem a uniformidade de seu plano. Há ainda as que podem ou devem ser introduzidas com vistas a embelezá-lo. Para facilitar o trato dos gramados, não se deve plantar mais do que uma variedade de grama na mesma área, uma vez que elas diferem quanto à velocidade de crescimento, assim quanto às exigências de solo, água, clima e insolação. Quando possível e adequado ao sítio, seria preferível formar gramados com as gramíneas nativas, mais adaptadas à região e, portanto, mais resistentes e de manutenção mais simples. Não se deve também exagerar na função de ornamento de fores nativas, cuja quantidade deve ser controlada, para que impere o grande plano verde do relvado. O gramado é um dos elementos mais importantes de uma paisagem por preservar um dos mais importantes componentes do espaço, o vazio. Áreas livres devem permanecer desimpedidas para que se possa dispor de locais que permitam ao usuário contemplar, fruir e valorizar o sítio e os elementos que o compõem.

• Correção de Problemas Ambientais

Se o homem destrói a harmonia da natureza, se ele a desfigura, se ele lhe quebra a forma e o sentido, os habitantes dessa criação degradada serão expostos sem defesa a todas as influências maléficas.
Fong Shi

Muitos problemas ambientais poderão ser sanados ou reduzidos pelo projeto da paisagem, sobretudo graças à especificação da vegetação. Dentre eles citem-se:

1. Erradicação e Controle da Vegetação Indesejável - considerando o que afirmamos na introdução deste parecer, que apenas será indicada a supressão ou controle de um elemento vivo e passível de reprodução e multiplicação, quando ameaçar um bem cultural único e irreprodutível, é necessário erradicar certas espécies da vizinhança das estruturas arruinadas. O que distingue uma paisagem cultural de uma unidade de conservação, é o controle que o ser humano tem de exercer incessantemente sobre seus elementos.

Na área das ruínas crescem belas figueiras selvagens, árvores especialmente protegidas pela legislação gaúcha como árvore-símbolo do estado por caracterizarem a natureza e a cultura do Rio Grande do Sul, que constituem elemento de valorização estética das ruínas. Contudo, o sistema radicular de figueiras pode afetar estruturas edificadas e comprometer estruturas subterrâneas, causando graves problemas à preservação do patrimônio. Podas de raiz não irão diminuir os inconvenientes. Pelo contrário, sentindo-se ameaçadas, as figueiras reagem, fortalecendo ainda mais o sistema radicular como forma de melhor se fixarem ao solo.

As figueiras produzem uma infinidade de figos em miniatura que recobrem toda a área do chão sob a copa e são avidamente procurados pelos pássaros que os disseminam. Inúmeras dessas plantas crescem sobre edificações, pedreiras e árvores, certamente pela condução e deposição de sementes por pássaros.

Pequenas figueiras começam a brotar em todas as frestas onde encontrem substrato inicialmente fornecido pelas fezes das aves. Muitas são estranguladoras, o que representa sério perigo, não só para o patrimônio edificado, como também para a vegetação arbórea. As raízes penetram nos interstícios da alvenaria, desestruturando-as e justificando o título que lhes dá Guimarães Rosa de *fazedora de ruínas*. A população de figueiras (das espécies *Ficus enormis*, *F. luehstianiana*, *F. monkii* e *F. organensis*) deve ser objeto de constante controle e monitoramento, retirando-se toda planta jovem que desponte nas ruínas mas, sem contudo eliminá-las do sítio.

É necessário que se tome medidas para erradicação dessas plantas e de suas plântulas das ruínas, antes que o sistema radicular se avulte e as desestruture e danifique irreversivelmente. Muitas vezes um arbusto de pouco mais de trinta centímetros já possui alguns metros de raízes agregadas ao suporte. O corte raso não é eficaz pois, pouco mais de quinze dias após ser efetuado, as partes remanescentes rebrotam com maior força piorando ainda mais a situação. Recomenda-se um trabalho artesanal, manual, de retirada progressiva das raízes, bem como o constante controle e monitoramento dos remanescentes da planta sobre as ruínas.

2. Plantios com Função de Sombreamento ou Quebra-luz - podas criteriosas das árvores existentes controlam o fluxo de luz solar sobre o solo, aumentando os níveis de luminosidade da paisagem, o que favorece a incidência de raios sobre áreas normalmente sombrias sob as copas das árvores, permitindo que o relvado, graças à melhor insolação, possa estender-se a todo o solo. Isto melhora sensivelmente a uniformidade e a qualidade visual do conjunto paisagístico. Sob um ponto de vista psicológico, a cor verde desempenha papel especialmente calmante e refrescante. As árvores existentes no sítio devem ser objeto periódico de podas de limpeza, previstas de acordo com as áreas de sub-bosque que devem receber a luz solar.

Todo novo plantio deve obedecer a funções microclimáticas. Áreas pavimentadas absorvem 70% do calor solar, enquanto a grama absorve apenas 5%.

Considerando o clima local, é recomendável, no percurso efetuado pelos visitantes, o emprego de árvores decíduas. No verão, revestidas de folhas, protegerão do sol. No inverno, desnudadas, permitirão melhor insolação. Plantas próximas a paredes recebem uma radiação que pode ser até dezesseis vezes maior do que em pleno campo, daí o cuidado com jardins como o que circunda o Museu e a sede do Iphan.

Os plantios devem ser previstos em distâncias que permitam sombrear em diferentes horas. As árvores sombreiam diretamente o local onde é feito o plantio quando o sol está alto e em posição zenital. Quando o sol está baixo, a sombra irá estender-se a locais mais distantes, daí a necessidade de se prever com rigor os locais de plantio e o comportamento do sol ao longo do ano para que o sombreamento possa ser sempre bem aproveitado pelo visitante e também para que as sombras não recaiam sobre as ruínas, prejudicando as fotografias e criando a impressão de uma paisagem listrada.

3. Plantios com Funções de Quebra-Vento - São Miguel sofre forte ação dos ventos. Sobre tudo em épocas de frio, muitos inconvenientes podem ser minorados pelo projeto da paisagem, prevendo-se a redução do impacto das ventanias sobre o sítio e os frequentadores. A presença de árvores em locais certos permite boa ventilação e reduz a velocidade do vento. Deve-se lembrar que, ao encontrar um obstáculo vertical, o vento turbilhona do lado oposto. Para evitar que isto aconteça, quebra-ventos não devem ter a forma de paredes altas, muito a pique, formadas apenas por espécies arbóreas. A altura dessas paredes deve ir se reduzindo

gradativamente criando como se fosse um talude com espécies de alturas intermediárias e incluindo arbustos. Quebra-ventos em série dão melhor proteção do que um só.

4. Plantios para Isolar Efeitos de Atividades Externas ou Internas – em muitos pontos do sítio será necessária a formação de cercas densas, com o objetivo de impedir a entrada de luz e som no interior do sítio ou também para atenuar efeitos do espetáculo de luz e som ou de grupos ruidosos de visitantes sobre a vizinhança. De preferência a obras civis de custo elevado, muralhas vegetais podem sanar muitos inconvenientes. Mudas de umbu plantadas a distâncias bem planejadas poderão fechar uma amurada de forma quase intransponível, sem os danos visuais e impactos sobre o sítio arqueológico que uma construção civil acarretaria. São, contudo, recomendáveis apenas para áreas periféricas onde seu volume não cause a impressão de seccionamento do sítio. Para áreas nucleares são mais indicadas as cercas de cactos recomendadas por Lúcio Costa. Vários tocos de cactos colunares são plantados lado a lado, um tocando o outro, o que resulta em uma densa, espinhosa e intransponível paliçada que com o passar do tempo acaba por formar uma parede perfeitamente vertical. De menor porte que a muralha de umbu, o muro de cactos presta-se a separar ambientes sem impacto na escala do sítio e monumentos.

V – O PROJETO SOB O PONTO DE VISTA DO USO PÚBLICO

A programação do uso público, quando concebida com rigor e correção, define exigências específicas que, quando pertinentes, são atendidas no projeto de paisagismo. Propostas de intervenções de inovação devem ser antecedidas por um trabalho de planejamento que oriente com precisão os objetivos do parque, das ruínas e do Museu, que levante e programe os usos permissíveis na área. Se sítio é o corpo físico, o uso será sua alma. Recomenda-se um estudo preliminar de levantamento das diferentes atividades de uso público, existentes ou previstas, implementadas ou não implementadas, em operação ou fora de operação, regulares ou clandestinas. Todas essas atividades devem ser classificadas segundo sua natureza educativa, recreativa ou interpretativa. Recomenda-se promover diagnóstico da situação das atuais atividades e usos desempenhados no parque por meio de visitas de campo, análise e avaliação de cada local onde são exercidas. O levantamento deve considerar as diferenças das estações, segundo o período de insolação seja mais longo ou curto; em épocas de férias, em feriados e nos finais de semana, quando a frequência difere em tipo e intensidade da que ocorre em dias úteis. Deve explicitar como e onde ocorrem essas atividades: se ocorrem de forma isolada, se há interação entre diferentes atividades. Deve avaliar como são exercidas as atividades e propor a forma como deverão exercer-se. Deve promover o zoneamento de todo o sítio, identificar o tipo de zona onde se exerce cada atividade, os elementos naturais e culturais que as compõem e as relações entre esses elementos. O comportamento do visitante no exercício das atividades será observado e registrado. Será avaliada a disponibilidade de equipamentos necessários ao desenvolvimento das atividades, bem como as condições em que se encontram, detectando-se os principais problemas que afetam o visitante e o exercício das atividades. É de fundamental importância a determinação da capacidade de carga do parque, estabelecendo-se número de visitantes por período de tempo nas diferentes áreas onde se exercem as atividades, sem dano para a salvaguarda dos recursos naturais e culturais. A visitação ordinária deve ser diferenciada para épocas de frio e épocas quentes, segundo o horário do pôr-do-sol, evitando a presença de turistas além de horários crepusculares. É imprescindível que se elabore proposta de regulamento de uso a ser afixada em locais visíveis do parque. Se um visitante comete uma infração e o guarda o adverte, ele pode perguntar aonde está escrita e divulgada tal restrição, ficando o guarda sem argumentos e apoio para reprimi-lo. A cobrança de entrada deve ser prevista em preços diferenciados para usuários cotidianos ou eventuais, possibilitando isenção para grupos de escolares e minusválidos. A visitação do parque deve integrar-se a programas de turismo local, regional, nacional e internacional que incluam informações sobre serviços de transporte, hospedagem, alimentação e saúde. Deve-se identificar pontos de maior concentração de visitantes dentro do parque e em seu entorno, definir sistema de sinalização e orientação interna e externa, informando-se sobre a localização de áreas de uso comum, serviços e infra-estrutura para os visitantes como sanitários, áreas de descanso, restaurante, lanchonete, estacionamentos, sobre os meios de divulgação das atividades do parque e do museu, sobre o envolvimento dos funcionários, sobre os serviços de apoio ao uso público e aspectos ambientais e culturais do parque, sobre a comercialização de produtos e utilização da imagem do sítio em produtos comercializados. Deve-se promover coleta de dados sobre a visitação e o grau de satisfação e envolvimento dos visitantes e da população local nas atividades de uso público, sugerir alternativas de uso para as atividades que conflitam com os objetivos do sítio, propor

novas formas e atividades de uso compatíveis com o sítio, organizar e implementar as atividades de lazer, recreação e entretenimento existentes.

O uso do sítio deve, sempre que possível, prever acessos, equipamentos, mobiliário, orientação e sinalização para portadores de deficiência. Mesmo que isso não ocorra, deveria existir material interpretativo na recepção, especialmente elaborado segundo as normas técnicas estabelecidas. Algumas medidas podem ser tomadas, apresentando os serviços específicos disponíveis para o público com exigências especiais como, por exemplo, para cegos. Mapas em relevo, maquete da edificação, réplica de esculturas para manuseio, são uma forma de se proporcionar a quem não possui as mesmas vantagens que a maioria das pessoas, novos atrativos e interesses. A adaptabilidade nem sempre exige intervenções físicas definitivas. Por exemplo, basta colocar à disposição, em locais não pavimentados, uma esteira plástica que se desenrola e se torna a enrolar sem qualquer dano ao relvado, criando caminho para facilitar o trânsito de cadeiras de roda sobre locais de pavimentação adversa como cascalho, barro, saibro, terra solta, gramados. A sinalização do jardim deve causar a menor interferência possível na paisagem, tanto em relação à aparência quanto à quantidade das placas, o que reduz custos de instalação e manutenção. As rotas e direções gerais precisam ser assinaladas, podendo-se deixar ao visitante o prazer da descoberta gradual do sítio, à medida em que o percorre. Placas interpretativas de aspectos históricos ou que identifiquem a flora e a fauna somente devem ser empregadas em pontos essenciais. Para identificação de plantas, não se tratando de local de uso público, o ideal é um folheto que o visitante levará consigo, poupando o sítio de intervenções visuais. Uma só placa em cores com a representação gráfica esquemática contendo o nome de todos os pássaros que freqüentam o jardim é mais eficaz que folhetos. A sinalização, como qualquer trabalho de planejamento de um sítio natural, deve levar em conta o uso por pessoas portadoras de deficiência. Placas interpretativas causam menos interferência quando de pequena altura. Informações pormenorizadas, que não constem nas placas, podem ser fornecidas por folhetos, embora signifiquem despesas adicionais e possam acabar descartados em latas de lixo ou, o que é pior, fora delas. O ideal é manter um centro de visitação com fotografias ou uma pequena biblioteca temática. Melhor ainda, produzir e colocar a venda livros sobre o mundo missioneiro, mostrando a arquitetura, artes plásticas e decorativas, mobiliário, culinária, jardins, flores, pássaros, a vida cotidiana e tudo o mais que caracteriza, distingue e torna as Missões um ponto tão rico e justificadamente procurado por turistas do Brasil e do mundo.

Deve-se elaborar projetos específicos como a definição da capacidade de suporte para o desenvolvimento das atividades de uso público e científico, sistema de sinalização e identidade visual, estudos de *marketing* para inclusão do parque em programas de turismo local, regional, nacional, internacional. Para capacitação, treinamento e credenciamento de condutores e guias de visitantes, divulgação das atividades de uso público, relacionamento institucional com o estado e outros municípios, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais e outras. Atividades de uso público devem ser monitoradas, promovendo-se a educação e interpretação patrimonial e ambiental, de forma vinculada. Projetos arquitetônicos, gráficos ou de comunicação visual de equipamentos, mobiliário e instrumentos indispensáveis ao uso público, com geração de recursos nas diversas atividades devem ser elaborados, estimando-se custos para as fases do projeto, implantação e operação das atividades, cronograma físico e financeiro, definindo as obras de infra-estrutura necessárias à execução dos projetos e atividades, regras de custo para a utilização da imagem do sítio, regras para terceirização de serviços ou

concessão de espaços comerciais. Deve-se entrevistar, selecionar e treinar guardas, definir áreas para localizar equipamentos privados como carrocinhas de venda de sorvetes, pipocas ou outros produtos cuja comercialização porventura possa vir a ser autorizada.

O regulamento de uso público de São Miguel das Missões deverá ter a forma de um diploma com força legal no qual a autoridade responsável, no uso das atribuições que lhe são conferidas, considerará:

- os valores excepcionais do sítio;
- a fragilidade da área, que impõe condições especiais aos usos e atividades que ali possam se desenvolver;
- a legislação estadual e municipal que incide sobre o sítio e que inclui, dentre outros diplomas legais, a Constituição Federal e a Estadual, a Lei Orgânica Municipal, o Código Florestal ou Lei n.º 4.771/65, a Lei dos Crimes Ambientais ou Lei n.º 9.605/98), o Decreto-lei 25/37, que organiza o tombamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Lei 3.924/61 que trata da arqueologia;
- a missão institucional de preservar São Miguel da melhor forma possível, como herança para futuras gerações.

Em seguida, serão estabelecidas restrições e condições de visitação como:

1. **Acesso ao Parque** - o acesso ao parque se dará por portão dotado de portaria para cobrança, identificação do visitante, guarda de volumes e objetos não permitidos no interior do parque; não será permitido o acesso de veículos automotores ao interior do parque exceto por necessidades administrativas ou com especial autorização por parte da Administração; o acesso de pedestres deve ser previsto em diferentes horários no verão e inverno; deve-se considerar e propiciar condições de acesso para visitantes especiais como membros afiliados a associações de amigos, moradores do bairro, autoridades, grupos de escolares, portadores de deficiências físicas. Pode ser recomendável que o parque seja fechado ao público em um dia ou em período de um dia da semana, como as segundas-feiras, não sendo então permitida a entrada e presença de visitantes por questões de segurança e para desempenho das atividades de conservação e manutenção. Deve-se prever o preço do ingresso e os casos e dias especiais em que o visitante será dispensado de pagamento do ingresso. A Administração poderá considerar necessário suspender permissões ou restrições, cabendo-lhe tal competência com exclusividade.

2. **Condições Exigidas do Visitante** - não se deve permitir a entrada de visitantes em condições físicas ou psíquicas inadequadas como visível estado de embriaguez, pessoas drogadas, seminuas e outras; a presença de crianças desacompanhadas com menos de 14 anos; a entrada ou saída de visitantes com animais; a entrada ou saída de visitantes com plantas; a entrada e saída de visitantes portando objetos que podem causar danos ou incômodos ao sítio, ao acervo ou a outros visitantes, tais como armas, bolas, pipas, bicicletas, velocípedes, skates, patins, instrumentos musicais, aparelhos sonoros, ferramentas, fogos de artifício e outros que aqui não constam, mas que serão definidos a critério da direção do Museu. Não se deve permitir a entrada e saída de visitantes portando bebidas alcoólicas, nem seu consumo dentro do sítio. Não se deve permitir a entrada e saída de visitantes nos dias fechados à visitação pública para conservação e manutenção do parque.

3. **Atividades Proibidas** – deve ser proibido:

- arrancar, colher, danificar, introduzir ou carregar qualquer forma de vegetação, seja sob a forma de folhas, flores, frutos, sementes, galhos, cascas ou raízes;
- exercer atividades capazes de afetar a integridade dos relvados, subir em árvores e canteiros, tentar alcançar lugares elevados como ramos com ajuda de paus ou bambus, atirar-lhes pedras, frutos, sementes ou qualquer objeto.

- escrever, gravar, pintar, desenhar, pregar, prender, colar ou afixar de qualquer outra forma placas, letreiros, dísticos, textos, cartazes ou figuras em qualquer elemento edificado, estruturas arqueológicas, pedras, árvores ou qualquer outra forma de vegetação, equipamento, mobiliário urbano ou elemento ornamental, inclusive bancos, cercas, grades, estátuas, postes, lixeiras, pavimentos e demais equipamentos;
- subir, pisotear, tocar, sentar, deitar, dependurar ou atirar coisas sobre qualquer edificação, equipamento, mobiliário urbano ou elemento ornamental inclusive bancos, cercas, grades, estátuas, postes, lixeiras e demais equipamentos, desde que não seja essa sua função;
- arrancar, afixar ou atirar coisas, ocultar ou danificar de qualquer forma as placas de sinalização ou de interpretação;
- alimentar, capturar, perseguir, atirar objetos ou incomodar de qualquer forma os animais;
- lavar ou atirar coisas ou tomar banho em qualquer água dentro do parque;
- praticar qualquer atividade esportiva que ameace ou perturbe a ordem ou o ambiente natural e cultural;
- carregar pedras, terra ou objetos fortuitamente encontrados no sítio;
- colocar lixo em qualquer lugar que não seja apropriado;
- ultrapassar os limites de áreas e recintos isolados por faixas, placas ou cercas;
- praticar qualquer ato que possa causar incêndio ou outro tipo de dano ao patrimônio;
- urinar sobre as pedras das ruínas;
- praticar atos ilegais, irregulares, violentos, ofensivos a quem quer que seja ou contrários à moral e aos bons costumes;
- instalar placas ou monumentos em homenagem a quem quer que seja;
- praticar atividades políticas ou partidárias como concentrações, congaçamentos, passeatas, comícios, pregações e outras;
- depositar cinzas ou restos mortuários, animais ou humanos.

Sem a autorização formal e exclusiva da Administração é proibido:

- praticar quaisquer atividade comercial, tais como oferecer, vender ou comprar qualquer artigo ou serviço, angariar fundos, esmolas, donativos, contribuições, assinaturas, subscrições e quaisquer outros recolhimentos similares dentro do sítio;
- filmar ou realizar espetáculos dentro do sítio;
- utilizar comercialmente a imagem do sítio ou de qualquer peça de acervo, incluindo elementos físicos, culturais e biológicos;
- realizar manifestações, cultos e rituais religiosos, salvo em ocasiões excepcionais e com autorização exclusiva e oficial da Direção.

A Administração, em casos excepcionais, desde que de forma comprovadamente favorável aos objetivos de preservação do parque e de todo o acervo, somente em casos que não haja antagonismo com as verdadeiras finalidades do sítio, poderá baixar normas complementares ao regulamento e desde que de interesse da preservação.

4 – Condições do Regulamento e Aplicação de Penalidades - cabe ao setor de guarda e vigilância, mesmo que terceirizado ou sob responsabilidade de outros possíveis responsáveis como a Polícia Militar, assegurar o cumprimento do regulamento, encaminhando os casos omissos ou duvidosos à Administração. Quando infratores do Regulamento, advertidos pelo setor de guarda e vigilância, forem reincidentes, deverão ser encaminhados à autoridade policial competente. Os infratores físicos e jurídicos estarão sujeitos a multas e apreensão. Serão estabelecidos valores para multas. Sem excluir a multa, serão ainda exigidas medidas

compensatórias para danos causados por infratores. A administração poderá não mais aceitar a presença de reincidentes no parque. Atos de ofensa contra os vigilantes no exercício de funções legais sujeitarão os infratores a serem detidos e entregues à autoridade policial. Cometer duas ou mais infrações simultâneas sujeita o infrator à aplicação de penalidades cumulativas. A aplicação das penalidades do regulamento não exonera o infrator das cominações civis ou penais cabíveis. Estará disponível na portaria um livro para registro de reclamações e sugestões. Casos omissos e dúvidas suscitadas na aplicação do Regulamento serão dirimidas pela Direção.

O projeto de paisagem deverá interpretar espacialmente as considerações expressas nesta proposta geral, havendo possibilidade de certos itens não se aplicarem ao sítio e de alguns outros não terem sido aventados. Por isto, após revisão da atual versão do regulamento, a 12.^a Sub Regional deverá discuti-la com seu corpo técnico e administrativo, com os responsáveis pela guarda e segurança, como os policiais militares e com a comunidade, solicitando colaboração e apresentação de sugestões específicas para o parque, definindo a versão definitiva e encaminhando-a para a análise jurídica e posterior efetivação, em caráter definitivo, do diploma legal que lhe confira validade jurídica.

Recomenda-se a elaboração de vários sub-projetos que atendam aos usos e atividades de visitação, lazer e recreação, desde que se exerçam de forma passiva e contemplativa, sem impacto negativo sobre os recursos naturais e culturais, devendo todo uso ser planejado e distribuído pelo sítio, concebido e implantado de forma independente e gradativa. Destacam-se alguns subprojetos:

- **Criação de Áreas de Lazer e Recreação**

*Sobre uma colina erguem-se as ruínas da catedral,
um castelo rosado, construído de pedra de cantaria vermelha,
reverberando os raios rubros do sol da tardinha. O
firmamento, de azul carregado, coberto a espaços por
nuvenzinhas claras, forma o telão de fundo. Para além
estende-se a falda estirada da colina, amenizando sempre
mais, coberto de grama bonita e pintalgado de florzinhas
silvestres multicores.*

Por uns instante estou como extasiado!

O Rio Grande do Sul. Wolfgang Hoffmann Harnisch

Ao circular pelo sítio, ou quando deseja permanecer em repouso e lazer contemplativo, o usuário recorre à sombra dos pequenos bosques existentes. Com a ampliação da área e inevitável crescimento do número de visitantes, novos bosques devem ser previstos, com o objetivo de aumentar as alternativas do uso atual e de acolher as futuras, distribuindo as atividades atuais por uma área de maior extensão e se poupando algumas zonas, onde o uso é muito intenso, de impactos que possam tender a tornar-se cada vez mais concentrados. Evitam-se assim aglomerações em zonas nucleares, que podem afetar de forma negativa as ruínas, criam-se novas áreas de sombreamento e, conseqüentemente, novos pontos de lazer e recreação.

- **Adensamento dos Bosques Existentes**

*Que prazer,
passear no jardim!
Faço nele,
a volta do infinito!
Hi K'ang, poeta chinês*

Alguns dos bosques já existentes ao redor das ruínas apresentam clareiras ou falhas na vegetação. Essas lacunas devem ser preenchidas com vegetação arbórea,

corrigindo a impressão de área desmatada, aumentando a massa verde foliar, fornecendo novas áreas sombreadas, propiciando outros locais para refúgio da fauna. Novos bosques deverão ser criados. As espécies utilizadas devem prestar-se à recomposição florística original e à funções ecológicas favoráveis à fauna, evitando-se espécies, como certas aroeiras, capazes de provocar alergias no visitante.

É indispensável que, orientado pelos trabalhos de uso público, sejam definidas áreas que atendam às necessidades gerais, evitando-se os danos que o surgimento informal e não planejado pode ocasionar.

- **Agenciamento Específico do Museu**

*O mundo não é um mundo: é um jardim!
Um céu aberto: longes, os espaços!
Floribela Spanca*

Na área do museu, algumas plantas apresentam escala grande demais em relação à edificação. É o caso de certos filodendros, que deveriam ser substituídos por espécies de folhas menores. As mudas retiradas serão transportadas para o viveiro de espera ou outro local, de preferência periférico.

Contra a parede de pedras do local onde fica o escritório do Iphan, foi plantada uma espécie mediterrânea, a *Cineraria maritima*, de folhas prateadas, o que resultou em belo efeito contra a parede de pedra rosada. Todavia, como já existe no Rio Grande do Sul uma gramínea de excepcional beleza, também de cores argêntas, o capim-barba-de-bode, essa espécie nativa poderia substituir a exótica e embelezar ainda mais o local, valorizando a flora indígena. Para o pátio interior do escritório do Iphan, Lúcio Costa recomendou pitangueiras. Esse plantio deve ser cumprido.

- **Grande Praça**

*... o espaço vazio é talvez o elemento mais importante dos jardins e dos parques. É uma expressão do invisível, um centro em torno do qual tudo se ordena. É o equivalente do silêncio que constitui, não se deve esquecer, um dos componentes da eloquência. O vazio tem um valor espiritual: nossas catedrais eram o invólucro de um espaço de dimensões perfeitas que suscitam a prece. Des Jardins
Heureux Duque d'Harcourt*

A grande praça deverá ser objeto de um projeto que possa acolher todas as funções que, por seu potencial de impacto, não convém acolher dentro do sítio. Um dos poucos locais para o qual se deve propor novos usos, deverá ser objeto de uma rigorosa normatização das condições de elaboração do projeto de paisagem recomendando-se um concurso público no qual concorressem paisagistas gaúchos, desde que cumprindo diretrizes rigorosas definidas pelo IPHAN.

- **Tratamento das Cercas, Acessos e Estacionamentos**

*“Dê-te estrelas o céu, flores o solo,
Cantos e aromas o ar e sombra a palma...”
Antero de Quental*

A ampliação da área exigirá revisões na cerca atual e a implantação de novas formas de cercaduras vegetais. A atual consorcia arame farpado com plantio de

esponjinhas ou caliandras. Embora excelente escolha para um sítio comum, mas não para uma paisagem rica e diversificada cultural e biologicamente, não se recomendam monocultivos dessa espécie tão vistosa que, florindo, cria uma linha horizontal cor-de-rosa a perpassar e seccionar todo o terreno. Não se deve replantar as esponjinhas faltantes nas lacunas, mas introduzir novas espécies, como o butiá, gerivá, neomaricas, columbrina e outras espécies aqui recomendadas para perfumar o ar, atrair pássaros, borboletas e beija-flores. Além dessas, espécies selvagens das quais destacam-se, pela beleza, como o capim-barba-de-bode; pelas folhas serrilhadas e cortantes como navalhas, onde se quiser impedir a entrada de intrusos no sítio, o capim-dos-pampas; por sua forma de roseta, o *Eryngium*. Muitos confundem essa planta típica dos prados gaúchos com bromélias ou com gramíneas. Utilizada atualmente até em jardins de Paris nunca é utilizada no paisagismo brasileiro. Também as novas cercas deverão obedecer a esses princípios, com a vegetação biodiversificada e pensada segundo o efeito de cada ponto de vista percebido por quem se desloca ao longo da paisagem, servindo para revelar e emoldurar belos cenários ou ocultar um ou outro aspecto menos favorável.

Após a retirada de mourões e do arame farpado, a atual vegetação será transferida para um viveiro de espera.

O acesso de serviço e os futuros acessos deverão ser arborizados com espécies que cumpram as presentes recomendações. O velho estacionamento deverá ser organizado de forma a comportar mais veículos, sem ser-lhe suprimido o ar espontâneo que ora apresenta. Já o estacionamento novo deverá ser arborizado de forma mais planejada, com espécies capazes de fornecer sombra sem inconvenientes de frutos e folhas despencando e de raízes despontando no pavimento. A espécie arbórea nativa mais indicada é *Lafoensia pacari*.

Carlos Fernando de Moura Delphim
Arquiteto da Paisagem
Matrícula n.º 223.192